

# AUTORES & LIVROS

Ano 10  
6/2/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 51  
Núm. 5

## Notícia sobre Capistrano de Abreu

João Capistrano de Abreu nasceu em Maranguape, no Ceará, e era filho do major Jerônimo de Abreu e de sua esposa D. Antonia de Abreu. O maior viveu até 1913, e D. Antonia até 1922. Capistrano viu a luz do dia em 24 de outubro de 1851.

Das primeiras letras e esboços secundários no Colégio dos Jesuítas, que era dirigido pelo padre Nogueira Dravosa, no Ateneu Cearense e no Seminário de Fortaleza. No segundo de seus estabelecimentos teve a felicidade de encontrar o menino Guilherme Nogueira, mais tarde barão de Sobral, que ia ser seu amigo através de toda a existência, e que é uma figura de real destaque no quadro dos estudos históricos brasileiros. O Ceará, naquele momento, possuía uma brilhante elite intelectual, e os principais nomes do momento são, talvez, o de um Rocha Lima — grande espírito, tão cedo desaparecido —, o de um Araújo Junior, que veio a ter tão predominante atuação no Brasil mental dos fins do século passado e do começo deste século. Capistrano foi uma das grandes figuras da primeira e única organização espiritual de Fortaleza que se batizou a si mesma de "Academia Franciscana". Já naquele tempo apresentava as qualidades básicas de seu espírito: a seriedade nos estudos, a segurança firme nas opiniões, o sarcasmo azeite de, a sociedade fronte na crítica.

Em 1869 parte para o Rio de Janeiro, e ali se dedica pelo espaço de cinco anos. Também em Recife

encontra um grande ambiente intelectual, pois o período em que ali esteve foi aquele em que talvez mais se acentuou o predomínio de Tobias: foi o período em que Silvio Tex o seu notável concurso da Faculdade de Direito o período da "Morte da Metafísica". Capistrano encontra na capital pernambucana os mesmos estímulos para o trabalho intelectual, e principalmente para o trabalho jornalístico.

Em 24 de abril de 1875 chega ao Rio de Janeiro. Por decreto de 9 de agosto de 1879 é nomeado para o cargo de oficial da Biblioteca Nacional.

Já do Norte trazia um maduro e longo tirocinio de imprensa — da época em que trabalhara no "Maranguapense", na "Constituição" e na "Fraternidade", do Ceará, e nas folhas recifenses. Chegando ao Rio, continuou a exercer a atividade jornalística. Empréstou sua cooperação, já como redator, já como simples colaborador, a numerosas folhas, como o "Globo", a "Gazeta de Notícias", a "Semana", a "Revista Brasileira", o "Jornal do Comércio" e o "Kosmos".

Na Biblioteca Nacional ficou apenas cinco anos. Deixou aquele cargo em 1883, quando, depois de brilhante concurso, foi nomeado professor de Coteografia e História do Brasil do Colégio Pedro II, cargo em que, em 1908, foi posto em disponibilidade.

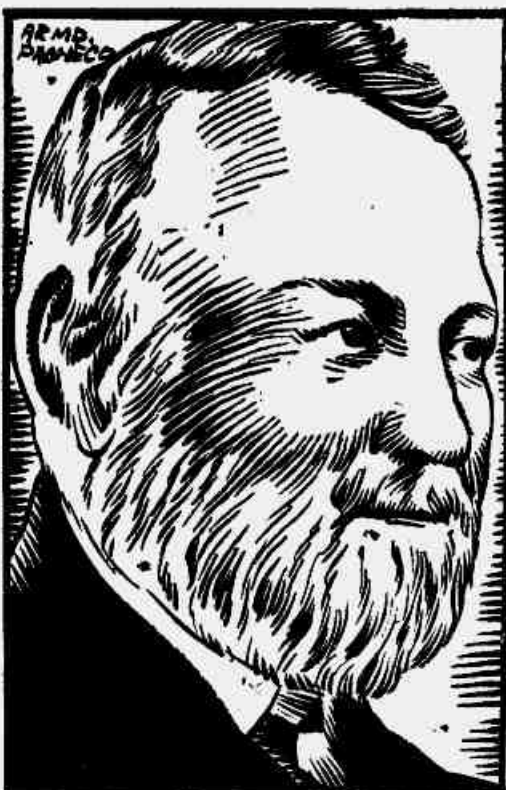
Pouco antes — em 1881 — havia casado com D. Maria José de Castro Fonseca, filha do almi-

rante Inácio Joaquim Fonseca e de D. Adelia J. de Castro Fonseca. Sua sogra era uma figura feminina de raro valor e raro encanto, a Poetisa dos "Ecos de Alma". A "Bela cristã", como lhe chamou Gonçalves Dias. Foi famosa, no seu tempo, pelo seu talento de repentinista. Em uma das páginas deste suplemento, damos redigido por pessoa muito autorizada, um interessante perfil de D. Adelia Fonseca.

Capistrano teve os seguintes filhos: D. Honorina de Abreu, que se fez freira, e é hoje a Soror Maria José de Jesus, priora do Convento de Santa Teresa, nesta cidade; Adriano de Abreu, jornalista e romancista, funcionário do Ministério da Viação; Fernando, que faleceu na epidemia da gripe; Henrique e D. Matilde Abreu Nogueira, esposa do dr. Apriego Nogueira, médico em Minas Gerais.

Das filhas de Capistrano de Abreu, um — D. Honorina — herdou o estro poético, que tanto fulgura em sua avó, D. Adelia Fonseca. Percebemos nela uma poetisa de doce e profunda sensibilidade, embora pouco tenha dado de sua inspiração aos leitores.

O grande historiador faleceu nesta cidade, vítima por ataque de pneumonia gripal. Teve penosa agonia, que se estendeu nos dias 12 e 13 de agosto de 1927. Expirou na madrugada desse último dia. Foi inhumado no cemitério de S. João Batista, sendo o seu enterro conduzido a pé pelos seus numerosos amigos.



CAPISTRANO DE ABREU

## SUMÁRIO

Página 69:	— Adelia Fonseca, de A. A.
— Notícia sobre Capistrano de Abreu.	Páginas 74, 75 e 76:
— Bibliografia de Capistrano de Abreu.	— Capistrano de Abreu, de Humberto de Campos
Página 70:	— Capistrano de Abreu, de João Pandiá Calogeras
— Estudos sobre Capistrano de Abreu, de João Ribeiro:	— Um autógrafo de Capistrano de Abreu.
I — O Descobrimento do Brasil.	Página 78 e 79:
II — Ensaio e Estudos.	— Uma aula de desenho dada por Guignard.
III — Cartas de Capistrano.	— A meu pai, de Honorina de Abreu.
IV — A morte de Capistrano.	— Palavras que enganam o tradutor de inglês.
Página 71:	Páginas 80, 81 e 82:
— Capistrano de Abreu, humorista, de Afrânio Peixoto.	— A poética de Gonçalves Dias, de Manuel Bandeira.
— Capistrano, de Afonso Arinos de Melo Franco.	Página 83:
— Correspondência de escritores. Carta de Joaquim Serra a Machado de Assis.	— Página dos Autores Novos VII — Ligia Fagundes.
Página 72:	— Ligia Fagundes (nota biográfica)
— O Descobrimento do Brasil, de Capistrano de Abreu.	— Delírio, conto de Ligia Fagundes.
— História Pátria, de Capistrano de Abreu.	Página 84:
Página 73:	— Lúcia Cardoso e "Os Camediantes", de Olavo de Faria.
— Raul Pompéia, de Capistrano de Abreu.	

## BIBLIOGRAFIA DE CAPISTRANO DE ABREU

A bibliografia de Capistrano de Abreu, é numerosíssima, e quem quiser ter dela um completo conhecimento recorra ao trabalho de Tancredo de Barros Paiva — "Bibliografia Capistraneana", S. Paulo, 1931 — Tip. do "Diário Oficial", e "E" uma "separata" do livro publicado na "Anua do Museu Paulista".

Recomendamos, porém, os primeiros trabalhos do mestre, segundo se relaciona seu azeite biográfico, o Barão de Studart.

Perfil juvenil. I — Casemiro de Abreu; II — Junqueira Freire. No "Maranguapense", de Junho, Julho e Agosto de 1871.

Raimundo José da Rocha Lima. E uma introdução a Crítica e Literatura. Maranhão, 1878.

O Brasil no século XVI. Rio, 1880.

Fernan Cardim — Rio, 1881.

Desenvolvimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI. Tese de Concurso. Rio, 1884.

J. E. Wappeus. A geografia física no Brasil (edição condensada). Tradução. — Rio, 1884.

Mulheres e ansejos para a história e geografia do Brasil. — Rio, 1886.

Frei Vicente do Salvador. Livros I e II da História do Brasil. — Rio, 1887.

Do Rio de Janeiro a Curitiba, viagem do naturalista Herbert Smith. Tradução. — Rio, 1887.

A. W. Selin. Geografia Geral do Brasil. Tradução. — Rio, 1883.

Notas sobre a Paraíba. Prefácio ao livro de Inácio de Azeiteiro. Rio, 1893.

Nephtes Hago. Cristóvão Colombo e Vasco da Gama. Tradução.

Dr. Paulo Ehrenreich — Divisão e distribuição das tribus do Brasil. Tradução. — Rio, 1892.

Monografias Brasileiras. Os Mamíferos no Brasil, de Emilio Goeldi. Rio, 1893. — As aves no Brasil, de Emilio Goeldi. — Rio, 1894.

Os Sacacerys. Rio, 1895.

Sobre uma história do Ceará. 1899.

História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata. Rio, 1900.

Sobre a Colônia do Sacramento. Rio, 1900.

O descobrimento do Brasil pelos portugueses. — Jornal do Comércio, Rio, 1900. — Idem, 1900.

O descobrimento do Brasil. Memória publicada no livro do Centenário. Rio, 1900.

Diálogo das Grandezas do Brasil. — 1900.

Os primeiros descobrimentos de Minas. 1901.

Tricentenário do Ceará. Rio e Fortaleza, 1904.

História Pátria. Artigos no "Kosmos". — Rio, 1905.

Capítulos da História Colonial. — Rio, 1907. 2.ª edição em 1908.

Rê-tsauni-kui — Gramática, texto e vocabulário Caxinawá. Rio, 1914.

Francisco Ramos Paz. — Rio, 1928.

Caminhos antigos e povoamento do Brasil — Rio, 1930.

Ensaio e estudos (crítica e História) — Rio, 1932.

Primeira visita do Santo Ofício às Partes do Brasil pela licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia, 1591-1592). Rio, 1932.

Ensaio e Estudos (Crítica e História) 3.ª série. Rio, 1938.

Loon depois da morte do escritor, fundou-se nesta cidade a Sociedade Capistrano de Abreu, cuja benemerita finalidade consistiu em publicar as obras do seu patrono. É a Sociedade Capistrano de Abreu que já devemos o aparecimento, seja em primeira edição, seja em reedições, dos valiosíssimos livros do grande historiador e grande crítico brasileiro.

# Estudos sobre Capistrano de Abreu - JOÃO RIBEIRO

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL (1)

Capistrano de Abreu foi e é considerado o maior historiador brasileiro. Na realidade, não escreveu uma história do Brasil como todos esperavam por um erro fácil de compreender.

Capistrano de Abreu não tinha o espírito de coordenação essencial a um plano geral da nossa história. Escreveu fragmentos, prefácios, cursos e dissertações incompletas. Sabia começar e começou muitas vezes, mas não sabia acabar e de fato não acabou nunca o que havia magistralmente começado. Era uma das fraquezas desse homem forte.

Como certos artistas (e havia alguma coisa de artista no seu temperamento literário) fazia manobras e maquetes e dava por findo o trabalho quando lograva alcançar a primeira impressão. Um impressionista, deveras, em muitas coisas ele o foi, como foi um pouquinho também na sua inconsciência e modo de viver.

Um dia perguntaram a Ferreira de Araújo onde podiam encontrar o Capistrano.

— Não sei onde o senhor (a pessoa que tanta a pergunta não pode encontrá-lo. Não o encontrará aqui na Gazeta onde ele escreve; não o encontrará na casa, rua tal, onde ele mora; e nem o encontrará no Colégio Pedro II onde ele ensina).

A resposta de Ferreira de Araújo era apenas uma boutade do humorismo. A verdade, porém, é que Capistrano morava mais nas bibliotecas que em outra parte qualquer.

Molpe, extremamente molpe, mergulhava a cabeça nos in-folios e manuscritos e daí não era possível tirá-lo, senão quando o guarda ou vigia vinha adverti-lo de que iam fechar o estabelecimento e em alguns desses tinha a permissão de ir além das horas regulamentares.

Mais tarde conseguiu modificar esses hábitos. A mania de ler metava-lhe a facilidade de produzir, e quando produzia por acaso, as interrupções eram frequentes e longas. Daí o seu eterno principiar um grande número de coisas que não chegava à última de mão.

Seria julgá-lo mal, dando-o por incapaz de trabalho de longo fôlego.

Era versátil, volúvel em tudo quanto empreendia.

Era sob esse aspecto, um homem tímido e ao mesmo tempo um epicurista. Fouz lhe importava escrever ou ensinar, o que queria era o prazer de aprender e estudar e como estudar; era de fato o prazer a que todos os seus trabalhos se referiam com segurança. Não somente na história mas ainda em variados assuntos diretos ou indiretamente relacionados ao Brasil.

Gostou toda a vida no seu *Lehysare* e nunca alcançou o *Wandervare* que seria consolação da posteridade. Toda a sua atividade estava em revelar documentos, reuni-los como ele fez nos *Materiais* e *Archeas*; traduziu várias obras, mormente alemãs, mas enriquecendo-as de notas e mesmo referências com a de *Wapponeus* que quase nada tomou do original e a de *Consul Belli*.

De tudo resultou que escreveu apenas capítulos magníficos, dissertações de inestimável preço. Artigos de revista que a *Sociedade Capistrano de Abreu* vai reunindo em preciosos mosaicos que bem representam aquele grande espírito.

Na vida, Capistrano dava a impressão de um indivíduo desengado de si próprio, de um filósofo como é costume dizer, o que lhe valia dissabores inevitáveis. Contudo, grangeara a amizade e afeto de homens eminentes na política que ele julgava com mais paixão que justiça, mostrando-se por vezes ferino, malévolo e até ingrato.

Essas falhas desapareciam ou eram esquecidas diante do seu mérito.

Essas falhas desapareciam ou eram esquecidas diante do seu mérito.

Para a história do Brasil deixou contribuições fragmentárias principalmente dos primeiros séculos, esquecidas, todavia, a parça que lhe não inspirava simpatia por motivos fortuitos ou dificuldades de explicar.

Não gostava da Guerra holandesa como não gostava de Tiradentes nem de outros fatos e vultos que não sabia julgar com interesse. O século XIX era para o nosso historiador um livro fechado a sete selos. Em rigor, só o primeiro século da nossa história inflamava o seu interesse de pesquisador.

Era, pois, um arqueólogo da nossa história: índios, capitães, jesuítas, primeiros governadores, primeiro povoamento e primeiras migrações constituíam o melhor das suas preocupações. E embora conhecesse profundamente muito da nossa história colonial e certo que pouco ele conhecia da Independência em diante. Não lhe interessava o primeiro nem o segundo reinado, nem a República. Paraguai e muito, muitíssimo menos a República.

Por isso, escrevemos acima que ele não poderia escrever a história geral que se esperava do seu saber. E ainda, por isso, resolveu anotar a História de Varnhagen que deixou nos dois primeiros fascículos e é provável, não lhe muito adiante.

Nada, todavia, afirmou a absoluta admiração por Capistrano de Abreu, só com reserva quanto ao juízo que fazia dos seus contemporâneos.

Ao registrar esse primeiro volume — O descobrimento do Brasil — exaltamos sinceramente as grandes serviços que está prestando à Sociedade

que colocou o nome do grande sábio brasileiro no plano em que figuram Rio Branco, Cattano, Cândido Mendes e outros eruditos da nossa história.

Essa parte agora publicada do *Descobrimento* merecia uma revisão do próprio Capistrano, se vivo fosse, quanto ao progresso e à bibliografia nova e recente do período inicial.

Bastaria para excitar a discussão o que tem escrito Duarte Leite a respeito dos primeiros navegadores que tocaram o litoral sulamericano.

Estudos mais recentes reclamariam a revisão da parte referente ao povoamento do sertão. Os admiráveis prolegômenos à obra do Frei V. do Salvador representam já com revisão.

Muito sugestivas são as sínteses históricas editadas pela revista *Kosmos*, de 1905 que em parte modificam e completam as contribuições anteriores do mesmo livro.

É inútil encarecer a importância de tudo quanto escreveu e mais afamado mestre da nossa história e este primeiro volume justifica o esforço e a diligência que pôs a *Sociedade* em vulgarizar semelhantes trabalhos hoje raros e mesmo inacessíveis.

Não há uma só página que não ofereça úteis ensinamentos ainda hoje para os mais versados no assunto.

Capistrano de Abreu sempre descontente e desconfiado dos seus próprios méritos recusaria a idéia de reimprimir esses estudos, pois, estava sempre a pensar em documentos novos que necessitava ler para assentar as conclusões definitivas em qualquer ponto da nossa história; por tal a sua tese de concurso raríssima só agora foi reimpressa.

Esses ercúptulos, sem dúvida expressivos, deixavam em hesitação perene aquele espírito sagaz de saber. Por isso, não escreveu mais que fragmentos e capítulos quando ninguém mais e melhor do que ele podia lançar os fundamentos da história brasileira integral e harmoniosa, que não possuímos ainda.

A vida de Capistrano presta-se a um verdadeiro romance como esses que estão em moda na biografia. O largo anedotário que lhe não falta bastaria para inutilizar o interesse do leitor comum.

(*"Jornal do Brasil"* — 1-1-1930).

II

## OS "ENSAIOS E ESTUDOS"

Capistrano de Abreu foi o mais modesto e o maior dos nossos historiadores. Não quis nunca escrever uma história do Brasil, o que ele mais do que ninguém, poderia fazer. Preferia escolher os seus temas, escolher os assuntos e esclarecer-los com a vastíssima erudição que possuía de todos os segredos da nossa história. Entretanto, não lhe faltava o espírito de síntese que várias vezes revelou em diferentes ocasiões e que só lhe podia ser negado por pessoas mal informadas do enorme cabedal de estudos e de fatos que alimentavam o seu poder de escritor. Esses mesmos *Ensaio*s e *Estudos* quase todos inspirados em ocasiões diversas e derramados na imprensa do dia bem mostram a sua capacidade inextinguível de interpretar autorizado.

Se ele quisesse dar-nos a melhor história do Brasil depois da de Varnhagen. Não o quis, porém. Prefere e redigiu livros antigos, traduziu outros, preparou enfim o material que necessitava a nova construção histórica, natural e geográfica; e ao mesmo tempo que delineava a nova arquitetura, contribuía com os admiráveis *Ensaio*s que vemos nesse volume de agora.

Lago depois de sua morte constituiu-se a *Sociedade Capistrano de Abreu* que reúne pouco a pouco todas as produções que curiam o perigo de esquecerem-se do grande mestre da nova geração. Capistrano cultivava não só a história e a geografia, mas tudo o que se relacionava ao território, à biologia e a etnologia e à linguística americana delineando em cada ramo dessa variada cultura monografias definitivas e memoráveis.

O jornalismo que tanto dispersa as inteligências não prejudicou as tendências e predileções do seu espírito. Não escreveu jamais uma página inútil ou superflua.

Esses *Ensaio*s e *Estudos* bem o demonstram e bastaria para o leitor informar o conteúdo desse novo livro que foi apresentado à Academia pelo Conde de Afonso Celso como um dos mais interessantes da coleção que está agora no seu quinto volume.

Dentre os temas que compõem o livro distinguimos o que escreveu acerca de Caxias, Antonio José, o Judeu, o de 28 de Janeiro no centenário da abertura dos portos do Brasil (com admirável esboço da revolução francesa e a repercussão dela na Espanha e Portugal) o que se intitula *Sob o primeiro Império* que nos dá a história pouco conhecida dos amotinados estrangeiros, a notícia curiosa sobre Ramos Paes o Imigrado português, o amigo nosso, outra notícia sobre o Visitador do Santo Ofício, edição de inéditos de Paulo Prado, o prefácio ao *Diário de Pedro Lopes*, etc. Enfim esses trabalhos avulsos encerram os predados de verdadeiras contribuições científicas como só Capistrano de Abreu sabia fazê-las.

Essa grande benção às letras nacionais é o que nos tem oferecido a *Sociedade Capistrano de Abreu*, acuta dedicadora, esforço e diligência deve todo o Brasil a publicação de tão meritorias produções que ficaram esquecidas ou ignoradas da nova geração.

(*"Jornal do Brasil"* — 1-11-1933).

III

## CARTAS DE CAPISTRANO

O sr. Manuel de Souza Pinto, brasileiro, um pouco alheio ao Brasil, pois que tem vivido desde a infância em Portugal, é um escritor de nota e atualmente ocupa a cadeira de *Estudos brasileiros* na Faculdade de Letras de Lisboa.

Como todos os que vivem em Portugal, conhece muito mal o Brasil, tão mal quanto o determina a absoluta ausência de livros brasileiros nas livrarias portuguesas.

E assim que ele tem feito o da diligência e esforço no sentido de adquirir os nossos livros, e criou que uma vez o comunicou à Academia de Letras, que lhe dá um pequeno subsídio a juntar aos seus escaços honorários de professor da cadeira criada e mantida pelo governo português.

Parece que os vencimentos do cargo e o subsídio acadêmico não bastam para a aquisição do material bibliográfico indispensável ao teor das suas lições, e não sei dizer se a Academia acatou a sugestão, de fornecer livros ao ilustre professor.

Não é menos certo, porém, que ele vem desempenhando as funções que lhe cumprem, com dedicação e inteligência.

Agora mesmo leio no *"Estado de São Paulo"* a primeira das suas comunicações a respeito da coleção de *Cartas inéditas* e íntimas dirigidas por Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo.

São interessantes e, como seria de esperar, um pouco malvolsas no comentário de coisas e pessoas do Brasil.

João Lúcio de Azevedo, o erudito historiador de Antonio Vieira e editor da grande edição das cartas do notável jesuíta, prometeu entregar à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro as cartas de Capistrano.

Não sei se haverá indiscrição nesse domptivo, onde não seria surpresa deparar-se alguns conceitos desaprovados nos contemporâneos.

Era do feitio de Capistrano não propriamente a maledicência, mas certa desventura e mordacidade no julgamento dos homens. Ninguém lhe escapava.

Frequentemente costumava julgá-los por um só ato, por um dito ou por um erro. Nada disso define ou pode ser a medida certa das pessoas.

Quem, por exemplo, escrevesse Brasil com s, estava no seu index, com o anatema de cavalgadura; semela pela inicial.

Com esse método sumário fusilava os inérricos, tão numerosos em nosso gentilismo político, intelectual e ortográfico.

Claro está que isso de uma execução, embora característica e íntima porque ele comparava Vieira e Rui, dado enorme desquite a um certo General Dias Ferreira, insignificante comensal do príncipe de Nassau.

E piorava uma passagem em que se indignava com o tratamento de doutor, que ele não era nem queria ser. E escreve:

"No Ceará fui chamado e muitas vezes chamado: Seu homem. Bem mostram os meus papéis que trem mais inteligência do que água".

De uma fells, pediu para um amigo do Norte a fotografia de uma ave, que para ele, Capistrano, era o verdadeiro símbolo do Brasil: o jaburu.

O jaburu passa dias inteiros com uma perna desenganchada na outra e sempre triste.

A nossa lavoura, diz ele, ou agricultura, não serve para a alimentação. Apenas cuida da sobremesa: café, açúcar, frutas.

E bem verdade.

(*"Jornal do Brasil"* — 18-12-1927).

V

## A MORTE DE CAPISTRANO

Quando estava disposto a escrever esta pequena tarefa quase quotidiana do *Diário Sim*, chegava-me a notícia da morte de Capistrano de Abreu.

Desde que o conheci, há quarenta anos, aprendi a venerá-lo com a mais entranhada admiração. E nele não admirava apenas o sábio mestre, mas o próprio homem despido de todas as vaidades e de todas as preocupações de interesse material.

Capistrano de Abreu tinha exatitudes e singularidades que estavam talvez em harmonia com a originalidade racionalista do seu espírito.

Sendo um inérrico e agnóstico, desejava vestir uma batina para evitar as complicações do vestuário.

Por igual sentimento detestava as outras complexidades mundanas. E, um dia, ao dizer-lhe que devia ser da Academia, respondeu que não pertencia à sociedade nenhuma a não ser a sociedade humana da qual contra a vontade já fazia parte. E estava farto.

Contudo, não era um misantropo, nem um pessimista que não podia ser.

As vezes parecia um estrangeiro, mas no sentido de natural de outras terras, mas de outro planeta.

Desconcertava, mas nunca aborrecia. E que o seu espírito pairava acima do tempo e para além de todas as convenções.

Inatural, indiferente e ultra-humano, fazia a crítica de todas as coisas com um dito, uma frase.

(Continua na pag. 77)



# CAPISTRANO DE ABREU, HUMORISTA

CAPISTRANO  
AFONSO ARINOS DE  
MELO FRANCO

AFRANIO PEIXOTO

Se homem de letras, e não de ciência, teria sido um ome humorista, de Swift. Quando em 1806 se fundou a Academia Brasileira, convidado por Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Joaquim Nabuco, deu de ombros, resignando-se:

— Já me basta, e não por meu gosto, fazer parte de outra obscurecida sociedade, o gênero humano...

Em que macabro humorismo entraria ele, se pudesse saber que lhe sobreviria uma "Sociedade Capistrano de Abreu", cuja dedicação à sua memória já lhe vale, a ele, a irreverência popular: "as púas de Capistrano"... Além de humorístico observar que, se em vida os Brasileiros são clementes das glórias, depois da morte vingam-se copiosamente. O "pin-tron" político, ou literário não falha... Penitência.

Este "humor" de Capistrano exercia-se na crítica literária. Sobre história, de Frei Vicente do Salvador ouviu-lhe isto: "História de chineiros", por oposição aos de colúmbios, os europeus. Vornhagen, Southery, os outros... A nota, de vezes análoga, apontava aqui e ali, ainda na disposição mais louca, a respeito: gabando, por exemplo o livro de Alberto Rangel, em 1917, sobre "Dom Pedro I e a Marquesa de Santos", em quatro volumes de jornal, lá vem por último o livro amargo: "Infelizmente não ficou de todo imune de certa gramatiquês industrial... No seu vocabulário há corpinhos que estão pedindo para o tesouro".

Em 1880 escreveu a única original comemoração do Brasil ao centenário da morte de Camões, ainda comparado à obra de Miguel de Lemos e aos discursos de Nabuco; em 1924, pela comemoração do centenário do nascimento do Poeta estranhava-se o zelo perdido com a criação de cadeira de Estudos Camonianos, na Universidade de Lisboa, no que lhe replicou:

— Não se perde tempo com Camões. Até Você o promoveu. Já em Portugal há um feriado de "São Camões". Agora mesmo lá o fazem "el-rei Camões".

— "Faria de eggs, que o olho é rei..."

Por sua ferocidade, essa crítica de humorismo será comparada àquela de Rabelo da Silva, nos funerais de Garrett, às impertinências de Castilho, no cemitério: — Deem dois pontos a este ego, para calar-se. Por ter contado a história ficou Teófilo Braga amaldiçoado por Camilo. Camões e Portugal perdoados a Camões.

A sua correspondência com J. Lucio d'Azevedo, o historiador português, com quem se abria sobre o Brasil e os Brasileiros, está sob o selo da Biblioteca Nacional: após uma revolução os funcionários pensaram em deixá-la publicar-se, contra os interesses do antigo regime. Deles dizia outro tanto, pedra em cima, o "humor" é imparcial.

O humorista vinga a sociedade que os sofreu e os sofre, a todos. O humor de Capistrano é vitalício. Agora mesmo, da última de seus volumes houve de desentranhar-se, à última hora, o profético prefácio que escreveu para a "História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata", de Simão Pereira de Sá (3.ª), que editou, em 1900, o Liceu Português Português: o corroteio aí é sublimado. Humorismo é essencial.

Capistrano não dissimulava a sua. Perguntei-lhe um dia pela exatidão disto, que me contaram, sobre Rui Barbosa. Em um círculo de políticos, Severino Vianna, Leopoldo de Bulhões e outros, discutia-se o grande balano. Querem saber a opinião do historiador. Capistrano parece mudar de assunto e pergunta: "Se já viram, pelo sério, ou nos subarbitros, esses macacinhos de gheiro, prendados de artes, que existe um carcamano...? Logo-lhe um casquinha vermelho, e o bichinho se enfia nele; nem pandeiro, e rufo-o o mono; uma pistolinha e o bugio afeta um riu... O italiano era o Azeredo". Capistrano ouvia e refletia o termo da anedota: — Dissera — "agora" — o italiano agora, é o Azeredo; porque a "agora", dista, agora é o Macedo agora. Anos depois, uma feita, descia ele as escadas da Biblioteca Nacional, e passava eu, em taxi, pela Avenida. Fiz parar o veículo e lhe ofereci condução. Não aceitou, indicando ir em sentido contrário, mas de longe alvando à minha velha curiosidade, gritou: — Olhe, "agora" é o Irineu Machado...

Essa dicotomia humorística aplicava-se à história. Não é que escrevesse uns magníficos "Capítulos de história colonial", para por fora de história o "sargento parolero do Tiradentes".

Confessou-me em carta que, a quem sobre o caso o interpelava (não fora eu somente a notá-lo...) respondera "que a conjunção mineira (sic, com minúsculas...) não passava de conversa fiada, como evidenciava a sentença alinhavada depois de quatro anos laboriosos. Sobre Tiradentes em particular, atinha-se ao último depoimento do réu e à sentença: nem naquele, nem neste, achara a matéria prima de um grande homem".

Por isso, o suprimira, não gostando, por contrariedade de humor, que lhe revelassem a intenção. Também Taine, depois das "Origens da França Contemporânea", em que tratara a Napoleão de caudilho, "condottiere", queixava-se a Renan, que não sabia porque, perdura as graças da Princesa Matilde. O outro, compreendendo, mas não querendo inutilmente discutir, aconselhou-o: "Ora, eu briguei também, por um livro de história, com outra dama, bem mais importante... — Quem? — A Igreja Católica".

O Brasil ou a sua história, não brigou, por isso com Capistrano: levantou uma questão ao tal Tiradentes... Pouco importa, a mau humor justo — o humorismo não é um mau humor, da boa companhia? — esse, de Capistrano ficou.

Pena é que não tivesse deixado escrita a página suprema do seu humorismo. Costumava contar como ele, simples Capistrano, redator da "Gazeta de Notícias", proclamara a República, em 15 de Novembro de 1889. Fizera-se o movimento sedicioso. No animo de Benjamin, de Quintino, contra o Imperador, no de Bodoardo, o chefe da insurreição, contra o Ministério. Havia insubordinação, querendo uns, sem usar; não querendo, e esperando, outros. O povo, desde antes, desde sempre, assistia, "bestializado", segundo o testemunho de Aristides Lobo, um dos companheiros. Capistrano tomou o giz e, no quadro negro da porta da redação, escreveu, por sua conta e risco "Proclamada a República". A multidão, que se esboçava pela rua do Ouvidor lá, parou, seguiu comentando e espalhando: "estava proclamada a República"... Os interessados vieram a saber. Proclamara-se a República.

A grande batalha da proclamação do regime "também" não houve. Na história do Brasil há muito humorismo.

Uma noite destas encontrámo-nos com um grupo de mais dez ou doze companheiros, dentro de um porão bem carioca, no mais carioca de todos os bairros: Botafogo (Sim, porque este negócio de Laranjeiras, Góvea, Catumbi, são rímidas tentativas que apenas se aproximam, por alguns traços, daquele conjunto fi-vianômico cariocaquismo. Botafogo, com os seus pianos sedativos, se seus gatos apoziguadores que con-fabulam com oás de largo e tole-rante espírito, nas varandas de grãis de ferro e trepadeiras balaustra-tes: Botafogo com cajás-mangas, caramboias, vapotas, moças ainda gordas, ainda morenas, ainda de tranças; Botafogo do sol autêntico, sem óculos escuros e sem lau-ros de calças; Botafogo de terra sem areia e de atmosfera sem ma-razias atlânticas, é a imagem mais lírica do Rio Imperial, e serviria de grande estampa aos romances de Machado de Assis. Foi, pois, num porão de Botafogo que nos reuni-mos, uma noite destas. As pare-das do extenso salão estavam co-bertas de estantes, e as prateleiras destes carregadas de livros sólidos, de primeira ordem. Mas o salão estava pobre, como um tombadilho de velha nau, e os pre-sentes se sentavam constrangidos nos cadeiras de palhinha, receosas de que elas falassem sobre os fôtuos carcomidos. Que fa-zia aquele grupo tão pouco solene no porão pobre de Botafogo? Macumba não era, tampouco cons-piração e nem mesmo literatura. Aquelas pessoas, como acontece uma vez cada ano, evacavam ali, — sem necessidade de mesas fan-tásticas, — um dos mais fortes es-píritos que o Brasil já teve: o de João Capistrano de Abreu.

Era o dia do nascimento do seu patrão, e a Sociedade Capistrano de Abreu, — uma das mais mad-rastas sociedades deste mundo — festejava a data sem bulha nem manjedora, na casa em que morava o mestre. Notei, aliás, daqui, que A MANHÃ não dedicou o Capis-trano o seu suplemento literário desta semana. E daqui peço a Múcio Leão que não se esqueça de fazê-lo, quando se der o an-iversário da morte do grande es-critor.

Quando digo escritor, faço-o in-ferencialmente, pois que em Ca-pistrano o estilo "fabuloso" (po-ria me servir de um adjetivo caro a Portinari) tem sido dedicado in-temente esquecido, por causa da glória do historiador. Inclusive Capistrano foi inovador, inclusive na forma de escrever, cujo labor fofoleiro era nele uma preocupação evidente, e que estranho não seja rido na conta que merece, pelos estudiosos da sua obra. Talvez a agreste frescura, o rude vigor do seu estilo, não agradem aos re-manescentes do tempo em que belez-a sinônimo exclusiva de pompa, briha e principalmente eloquência.

SOBRE A NOVA COLÔNIA DO SACRAMENTO  
(Prefácio a História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata, de Simão Pereira de Sá, Rio, 1900, p. XXXIII — IV).

"De 1817 a 1828 sob os reinados de D. João VI e D. Pedro I a banda oriental integralizou-se com o reino e império do Brasil; mas a 18 de Abril de 1825 trinta e três patriotas desembarcaram no Uruguai, dispostos a conquistar a independência de sua terra. A luta durou o resto do ano de 1825, todo 1826, todo 1827, ainda entrou por 1828, graças ao auxílio dos Argentinos, a quem o Brasil declarou guerra. Finalmente, pela convenção de 27 de agosto deste último ano, sob a pressão do embaixador da Inglaterra, no Rio de Janeiro, e Provincia Cisplatina foi declarada independente do Brasil e da Argentina.

Infelizmente D. Pedro I não era homem de largo des-cortio, e não compreendeu a situação novamente criada. "Nas con-cessões, diz Roehrer, daí antes de mais que de menos, exata-mente como o cirurgião de um membro gangrenoso antes corta de mais que de menos". Separada a provincia cisplatina, que fi-cava significando o Rio Grande do Sul? Que se lucrava em, derribadas as muralhas de Ilhon, guardar o cavalo de Troia?

A resposta não se fez esperar. Em 1835 rebentou uma revo-lução que durou dez anos. Desde então ou fedratário, ou san-quinário, ou pseudário, ou candidato ou federatário, — as formas variam, o fundo permanece, — graças o artiguismo alem do cabo de Santa Martha, O Doutor Franca pôde prender o corpo; mas a alma de José Artigas (chacal confiado a Moloch) aliou, duende impropiciável, pela campanha e sobre as coxilhas.

Haveria médico, diz Wilhelm Roehrer, incumbido do tra-tamento de um feico, que em falta de medicamento eficaz, não querendo ficar sem fazer nada, cosse a boca do paciente para impedir os escorros de sangue? Se há! Desde mais de meio sé-culo não tem estado outros a obsecra do enfermo Brasil". ("Humor" — 198-201).



Capistrano de Abreu numa caricatura de José Cândido — Rio — 1928

A verdade é que a ciência his-tórica e a aguda intuição socioló-gica de Capistrano se exprimiam através de uma língua máscula, imprevista, laborada com amor.

Em tudo, ou quase tudo se meteu aquele diabo velho. De memória leu escrevendo fora de casa, lon-ge dos meus livros, recordo a sua contribuição à historiografia, não só através das obras pessoais (como a sua tese de concurso sobre o des-cobrimiento e a colonização no pri-meiro século), como pela copiosa material que adicionou às Histórias de Frei Vicente e de Vornhagen. Lembro as incursões sempre pro-velosas e não raro decisivas que em-preendeu nos campos da etnografia, da geografia, da bibliografia, da lin-guística indígena, do folclore e da bibliografia brasileiros. A quanti-dade de livros preciosos e esqueci-dos, de cuja publicação ou republi-cação foi propagador; a compre-ensão das bases econômicas e socia-lógicas da nossa História, que teve antes de ninguém e mais do que ninguém a naturalidade com que ta-cava o dedo nos pontos cruciais da nossa formação, insinuando a ne-cessidade de estudos, num sentido e num caráter que somente agora es-tão sendo compreendidos e seguidos, fazem de Capistrano, na História e nas ciências afins, um homem ab-solutamente excepcional não somen-tamente.

te no Brasil, como em toda a Amé-rica Latina. Tão excepcional quan-to Machado de Assis no campo li-terário, ou mesmo talvez mais, pois no terreno que escolheu (que era ali-mo dos modelos europeus) ficou era ali-mo a fundo de originalidade ma-chadiana) não era coisa muito re-as-ável.

As trinta anos incompletos Ca-pistrano já era um mestre. Há sim-bolista um departamento interes-san-te de Carl von Koseritz, que assiste, em 1883, ao seu concurso para a cadeira de História do Brasil da Co-légio Pedro II. O alemão acen-tua a enorme superioridade do exa-minando sobre os dois examinados, que eram Matias Maia e Morira de Azevedo (a terceira componente da banca, Silvio Romero, não exa-minou). Superioridade tão patente au-daz, que Koseritz fez com que o Impera-dor, presente ao ato, suspendesse a sessão, meio aborrecido com a por-za ceno. E o mestre de trinta anos morreu com mais de setenta sem-na na primeira fila dos sabedores dos nossos problemas, posição que lhe era aliás conferida pelos outros, por-que ele mesmo a repetia enfaticada, como tudo o mais que chamasse a comenda ao gozardo.

Dentro de mais alguns anos será a centenária de Capistrano de Abreu. Parece que, até então, a Sociedade que lhe vela pela mem-ria terá podido publicar em adição definitiva as suas obras completas. Mas de uma coisa se precisa cul-dar, desde logo: de um estudo a-sírio sobre o grande homem, qual-quer coisa que exceda de muitos es-tes vagos e fragmentários louvores dos artigos de jornais. Raulito Garcia, discípulo amado de Capis-trano, e que o substituiu como mestre dos novos estudiosos das coisas bra-sileiras não poderia se incumbir des-te trabalho?

(A MANHÃ, 25-10-941)

## CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES CARTA DE JOAQUIM SER-RA A MACHADO DE ASSIS

Meu caro Machado. Apresento-te o portador desta ois. João Capistrano de Abreu, moço muito recomendavel pelo seu mérito literário e que me foi apresentado pelo nosso amigo José de Alencar.

O sr. Capistrano de Abreu aprecia-te, e deseja pessoalmente conhecer-te; estou certo que o acolherás como a um amigo e colega.

Abraça-te o teu Srra.  
11 de maio de 1876.













# ABREU — Humberto de Campos

que, embora não se consolidasse nas ideias pela obra, era a sua mais anti-natural que se praticava na terra, pois que, se Deus desejasse eternizar os pensamentos, teria feito o homem eterno. A morte, portanto, não foi instituída para que as ideias humanas se renovassem indefinidamente, como se renova a matéria. Estaria assim um dos enigmas da existência — o encanto que o livro destruiu, estabelecendo a continuidade e a imitação e, com estas, a eterna monotonia da vida.

Aparentemente alambicados, o que ele estimava as ideias não eram os livros, mas os homens que os haviam escritos. Os seus amigos, escolhidos sempre a viva e os mortos, como se fossem todos vivos, revelando-os no seu caráter. Contou-me o sr. Manoel Bomfim que, encontrando-se um dia com ele na sua nobre, bela e principes palacete, que parecia uma oásis no meio da cidade, terminou-lhe a obra. Capistrano estava sozinho, com o aspecto econômico fechado. Sinalomas de amargura e de desespero.

Que tem você, com essa cara? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Acabou a vida? — Inquiriu o historiador respondendo num repêlo.

Alma, a exclamação que lhe ouviu, ao mesmo tempo que se ouvia a obra, uma obsessão.

Que diabo! Para que aquela sentença foi fazer isso?

As suas letras entravam-lhe pela vida como a sua vida entrava pelas letras. A grafia da palavra *Brasil*, que ele tão brilhantemente discute na obra agora reeditada, era uma das pedras de toque do seu coração. Ele não podia admitir que um homem de bem, de caráter, escrevesse *Brasil* com *r*. Quando apareceu, em 1890, o *Jornal do Brasil*, trazia o título com essa grafia. Capistrano, convidado para colaborar da grande folha que surgiu, e em que figuravam como diretores e redatores os seus amigos mais íntimos, escreveu uma carta a Rodolfo Dantas, protestando contra a heresia, e declarando que não escreveria jamais em um órgão da imprensa que mostrava tão profunda ignorância da história e da gramática. E o *Jornal do Brasil*, em breve, mudou de cabeçalho. Persistindo porém, o sr. Afonso Celso em manter, nos seus artigos de colaboração no mesmo diário aquela grafia, foi Capistrano a sua procura, e com a frequência rude, pronta a mudar-se em sorriso como o seu do fruto verde se transforma em melar depois de maduro, interpele-o:

— Por que você escreve *Brasil* com *r*?

O interpeleto justificou-se, apresentando razões de ordem literária e política. No Império era essa a grafia corrente. Estavam com os documentos relativos à independência. Com r haviam-se escrito historiadores eminentes. Capistrano irritou-se.

— Sabe quais são os que escrevem *Brasil* com *r*? — exclamou.

— Estavam-se estabelecendo.

— As obras?

— Em uma das suas palestras de intimidade: *Brasil*.

ria na Academia, contou o sr. Constantino Alves que, certa vez, procurou a par com a obra, uma homenagem para um empresário dependente de uma homenagem do amigo de Frei Vicente, foi a sua sala na Biblioteca, tomando, entre outras, as palavras de quem, sem o prestigio de Dantas, entra na fúria de um leão. Rodou o assunto, ate que o abençoou. Anunciou o nome da estufa que desajava a sua obra, Capistrano esgotou a barba e rugiu, numa careta.

— Aquela mulher... Aquela mulher...

— Que é, Capistrano? — exclamou o historiador.

— Não, não, não... alhinhon o historiador.

— E como um Cristo que fosse grandioso, por favor de faltar contra a honra, mas punido de deuses contra a língua.

— Aquela mulher "seu" Constantino, aquela mulher... escreve *Brasil* com *r*...

Em uma tarde de agosto de 1927, — tarde quente, com amplexos de tempestade no ar, — desceu do largo dos Leões, pela rua Voluntários da Pátria, um cortejo fúnebre. O caixão, pesado e negro, era carregado a mãos. Dentro dele, fechado, Capistrano de Abreu. Demitila o da vida o Eterno, com setenta e quatro anos de exercício no planeta, antes que lhe chegasse, com a incapacidade que acompanhava a senectude, a aposentadoria do pensamento. No velório mortuário, compungidos, alguns com os olhos húmidos, deputados, senadores, ministros, eclesiásticos, banqueiros, acadêmicos, embaixadores.

Morrera Diógenes filho da sabedoria. Choravam-lhe a morte a família de Alexandre.

(Crítica, 2.ª série)

(1) — Capistrano de Abreu — (2) — Capistrano de Abreu — (3) — Capistrano de Abreu — (4) — Capistrano de Abreu — (5) — Capistrano de Abreu — (6) — Capistrano de Abreu — (7) — Capistrano de Abreu — (8) — Capistrano de Abreu — (9) — Capistrano de Abreu — (10) — Capistrano de Abreu — (11) — Capistrano de Abreu — (12) — Capistrano de Abreu — (13) — Capistrano de Abreu — (14) — Capistrano de Abreu — (15) — Capistrano de Abreu — (16) — Capistrano de Abreu — (17) — Capistrano de Abreu — (18) — Capistrano de Abreu — (19) — Capistrano de Abreu — (20) — Capistrano de Abreu — (21) — Capistrano de Abreu — (22) — Capistrano de Abreu — (23) — Capistrano de Abreu — (24) — Capistrano de Abreu — (25) — Capistrano de Abreu — (26) — Capistrano de Abreu — (27) — Capistrano de Abreu — (28) — Capistrano de Abreu — (29) — Capistrano de Abreu — (30) — Capistrano de Abreu — (31) — Capistrano de Abreu — (32) — Capistrano de Abreu — (33) — Capistrano de Abreu — (34) — Capistrano de Abreu — (35) — Capistrano de Abreu — (36) — Capistrano de Abreu — (37) — Capistrano de Abreu — (38) — Capistrano de Abreu — (39) — Capistrano de Abreu — (40) — Capistrano de Abreu — (41) — Capistrano de Abreu — (42) — Capistrano de Abreu — (43) — Capistrano de Abreu — (44) — Capistrano de Abreu — (45) — Capistrano de Abreu — (46) — Capistrano de Abreu — (47) — Capistrano de Abreu — (48) — Capistrano de Abreu — (49) — Capistrano de Abreu — (50) — Capistrano de Abreu — (51) — Capistrano de Abreu — (52) — Capistrano de Abreu — (53) — Capistrano de Abreu — (54) — Capistrano de Abreu — (55) — Capistrano de Abreu — (56) — Capistrano de Abreu — (57) — Capistrano de Abreu — (58) — Capistrano de Abreu — (59) — Capistrano de Abreu — (60) — Capistrano de Abreu — (61) — Capistrano de Abreu — (62) — Capistrano de Abreu — (63) — Capistrano de Abreu — (64) — Capistrano de Abreu — (65) — Capistrano de Abreu — (66) — Capistrano de Abreu — (67) — Capistrano de Abreu — (68) — Capistrano de Abreu — (69) — Capistrano de Abreu — (70) — Capistrano de Abreu — (71) — Capistrano de Abreu — (72) — Capistrano de Abreu — (73) — Capistrano de Abreu — (74) — Capistrano de Abreu — (75) — Capistrano de Abreu — (76) — Capistrano de Abreu — (77) — Capistrano de Abreu — (78) — Capistrano de Abreu — (79) — Capistrano de Abreu — (80) — Capistrano de Abreu — (81) — Capistrano de Abreu — (82) — Capistrano de Abreu — (83) — Capistrano de Abreu — (84) — Capistrano de Abreu — (85) — Capistrano de Abreu — (86) — Capistrano de Abreu — (87) — Capistrano de Abreu — (88) — Capistrano de Abreu — (89) — Capistrano de Abreu — (90) — Capistrano de Abreu — (91) — Capistrano de Abreu — (92) — Capistrano de Abreu — (93) — Capistrano de Abreu — (94) — Capistrano de Abreu — (95) — Capistrano de Abreu — (96) — Capistrano de Abreu — (97) — Capistrano de Abreu — (98) — Capistrano de Abreu — (99) — Capistrano de Abreu — (100) — Capistrano de Abreu — (101) — Capistrano de Abreu — (102) — Capistrano de Abreu — (103) — Capistrano de Abreu — (104) — Capistrano de Abreu — (105) — Capistrano de Abreu — (106) — Capistrano de Abreu — (107) — Capistrano de Abreu — (108) — Capistrano de Abreu — (109) — Capistrano de Abreu — (110) — Capistrano de Abreu — (111) — Capistrano de Abreu — (112) — Capistrano de Abreu — (113) — Capistrano de Abreu — (114) — Capistrano de Abreu — (115) — Capistrano de Abreu — (116) — Capistrano de Abreu — (117) — Capistrano de Abreu — (118) — Capistrano de Abreu — (119) — Capistrano de Abreu — (120) — Capistrano de Abreu — (121) — Capistrano de Abreu — (122) — Capistrano de Abreu — (123) — Capistrano de Abreu — (124) — Capistrano de Abreu — (125) — Capistrano de Abreu — (126) — Capistrano de Abreu — (127) — Capistrano de Abreu — (128) — Capistrano de Abreu — (129) — Capistrano de Abreu — (130) — Capistrano de Abreu — (131) — Capistrano de Abreu — (132) — Capistrano de Abreu — (133) — Capistrano de Abreu — (134) — Capistrano de Abreu — (135) — Capistrano de Abreu — (136) — Capistrano de Abreu — (137) — Capistrano de Abreu — (138) — Capistrano de Abreu — (139) — Capistrano de Abreu — (140) — Capistrano de Abreu — (141) — Capistrano de Abreu — (142) — Capistrano de Abreu — (143) — Capistrano de Abreu — (144) — Capistrano de Abreu — (145) — Capistrano de Abreu — (146) — Capistrano de Abreu — (147) — Capistrano de Abreu — (148) — Capistrano de Abreu — (149) — Capistrano de Abreu — (150) — Capistrano de Abreu — (151) — Capistrano de Abreu — (152) — Capistrano de Abreu — (153) — Capistrano de Abreu — (154) — Capistrano de Abreu — (155) — Capistrano de Abreu — (156) — Capistrano de Abreu — (157) — Capistrano de Abreu — (158) — Capistrano de Abreu — (159) — Capistrano de Abreu — (160) — Capistrano de Abreu — (161) — Capistrano de Abreu — (162) — Capistrano de Abreu — (163) — Capistrano de Abreu — (164) — Capistrano de Abreu — (165) — Capistrano de Abreu — (166) — Capistrano de Abreu — (167) — Capistrano de Abreu — (168) — Capistrano de Abreu — (169) — Capistrano de Abreu — (170) — Capistrano de Abreu — (171) — Capistrano de Abreu — (172) — Capistrano de Abreu — (173) — Capistrano de Abreu — (174) — Capistrano de Abreu — (175) — Capistrano de Abreu — (176) — Capistrano de Abreu — (177) — Capistrano de Abreu — (178) — Capistrano de Abreu — (179) — Capistrano de Abreu — (180) — Capistrano de Abreu — (181) — Capistrano de Abreu — (182) — Capistrano de Abreu — (183) — Capistrano de Abreu — (184) — Capistrano de Abreu — (185) — Capistrano de Abreu — (186) — Capistrano de Abreu — (187) — Capistrano de Abreu — (188) — Capistrano de Abreu — (189) — Capistrano de Abreu — (190) — Capistrano de Abreu — (191) — Capistrano de Abreu — (192) — Capistrano de Abreu — (193) — Capistrano de Abreu — (194) — Capistrano de Abreu — (195) — Capistrano de Abreu — (196) — Capistrano de Abreu — (197) — Capistrano de Abreu — (198) — Capistrano de Abreu — (199) — Capistrano de Abreu — (200) — Capistrano de Abreu — (201) — Capistrano de Abreu — (202) — Capistrano de Abreu — (203) — Capistrano de Abreu — (204) — Capistrano de Abreu — (205) — Capistrano de Abreu — (206) — Capistrano de Abreu — (207) — Capistrano de Abreu — (208) — Capistrano de Abreu — (209) — Capistrano de Abreu — (210) — Capistrano de Abreu — (211) — Capistrano de Abreu — (212) — Capistrano de Abreu — (213) — Capistrano de Abreu — (214) — Capistrano de Abreu — (215) — Capistrano de Abreu — (216) — Capistrano de Abreu — (217) — Capistrano de Abreu — (218) — Capistrano de Abreu — (219) — Capistrano de Abreu — (220) — Capistrano de Abreu — (221) — Capistrano de Abreu — (222) — Capistrano de Abreu — (223) — Capistrano de Abreu — (224) — Capistrano de Abreu — (225) — Capistrano de Abreu — (226) — Capistrano de Abreu — (227) — Capistrano de Abreu — (228) — Capistrano de Abreu — (229) — Capistrano de Abreu — (230) — Capistrano de Abreu — (231) — Capistrano de Abreu — (232) — Capistrano de Abreu — (233) — Capistrano de Abreu — (234) — Capistrano de Abreu — (235) — Capistrano de Abreu — (236) — Capistrano de Abreu — (237) — Capistrano de Abreu — (238) — Capistrano de Abreu — (239) — Capistrano de Abreu — (240) — Capistrano de Abreu — (241) — Capistrano de Abreu — (242) — Capistrano de Abreu — (243) — Capistrano de Abreu — (244) — Capistrano de Abreu — (245) — Capistrano de Abreu — (246) — Capistrano de Abreu — (247) — Capistrano de Abreu — (248) — Capistrano de Abreu — (249) — Capistrano de Abreu — (250) — Capistrano de Abreu — (251) — Capistrano de Abreu — (252) — Capistrano de Abreu — (253) — Capistrano de Abreu — (254) — Capistrano de Abreu — (255) — Capistrano de Abreu — (256) — Capistrano de Abreu — (257) — Capistrano de Abreu — (258) — Capistrano de Abreu — (259) — Capistrano de Abreu — (260) — Capistrano de Abreu — (261) — Capistrano de Abreu — (262) — Capistrano de Abreu — (263) — Capistrano de Abreu — (264) — Capistrano de Abreu — (265) — Capistrano de Abreu — (266) — Capistrano de Abreu — (267) — Capistrano de Abreu — (268) — Capistrano de Abreu — (269) — Capistrano de Abreu — (270) — Capistrano de Abreu — (271) — Capistrano de Abreu — (272) — Capistrano de Abreu — (273) — Capistrano de Abreu — (274) — Capistrano de Abreu — (275) — Capistrano de Abreu — (276) — Capistrano de Abreu — (277) — Capistrano de Abreu — (278) — Capistrano de Abreu — (279) — Capistrano de Abreu — (280) — Capistrano de Abreu — (281) — Capistrano de Abreu — (282) — Capistrano de Abreu — (283) — Capistrano de Abreu — (284) — Capistrano de Abreu — (285) — Capistrano de Abreu — (286) — Capistrano de Abreu — (287) — Capistrano de Abreu — (288) — Capistrano de Abreu — (289) — Capistrano de Abreu — (290) — Capistrano de Abreu — (291) — Capistrano de Abreu — (292) — Capistrano de Abreu — (293) — Capistrano de Abreu — (294) — Capistrano de Abreu — (295) — Capistrano de Abreu — (296) — Capistrano de Abreu — (297) — Capistrano de Abreu — (298) — Capistrano de Abreu — (299) — Capistrano de Abreu — (300) — Capistrano de Abreu — (301) — Capistrano de Abreu — (302) — Capistrano de Abreu — (303) — Capistrano de Abreu — (304) — Capistrano de Abreu — (305) — Capistrano de Abreu — (306) — Capistrano de Abreu — (307) — Capistrano de Abreu — (308) — Capistrano de Abreu — (309) — Capistrano de Abreu — (310) — Capistrano de Abreu — (311) — Capistrano de Abreu — (312) — Capistrano de Abreu — (313) — Capistrano de Abreu — (314) — Capistrano de Abreu — (315) — Capistrano de Abreu — (316) — Capistrano de Abreu — (317) — Capistrano de Abreu — (318) — Capistrano de Abreu — (319) — Capistrano de Abreu — (320) — Capistrano de Abreu — (321) — Capistrano de Abreu — (322) — Capistrano de Abreu — (323) — Capistrano de Abreu — (324) — Capistrano de Abreu — (325) — Capistrano de Abreu — (326) — Capistrano de Abreu — (327) — Capistrano de Abreu — (328) — Capistrano de Abreu — (329) — Capistrano de Abreu — (330) — Capistrano de Abreu — (331) — Capistrano de Abreu — (332) — Capistrano de Abreu — (333) — Capistrano de Abreu — (334) — Capistrano de Abreu — (335) — Capistrano de Abreu — (336) — Capistrano de Abreu — (337) — Capistrano de Abreu — (338) — Capistrano de Abreu — (339) — Capistrano de Abreu — (340) — Capistrano de Abreu — (341) — Capistrano de Abreu — (342) — Capistrano de Abreu — (343) — Capistrano de Abreu — (344) — Capistrano de Abreu — (345) — Capistrano de Abreu — (346) — Capistrano de Abreu — (347) — Capistrano de Abreu — (348) — Capistrano de Abreu — (349) — Capistrano de Abreu — (350) — Capistrano de Abreu — (351) — Capistrano de Abreu — (352) — Capistrano de Abreu — (353) — Capistrano de Abreu — (354) — Capistrano de Abreu — (355) — Capistrano de Abreu — (356) — Capistrano de Abreu — (357) — Capistrano de Abreu — (358) — Capistrano de Abreu — (359) — Capistrano de Abreu — (360) — Capistrano de Abreu — (361) — Capistrano de Abreu — (362) — Capistrano de Abreu — (363) — Capistrano de Abreu — (364) — Capistrano de Abreu — (365) — Capistrano de Abreu — (366) — Capistrano de Abreu — (367) — Capistrano de Abreu — (368) — Capistrano de Abreu — (369) — Capistrano de Abreu — (370) — Capistrano de Abreu — (371) — Capistrano de Abreu — (372) — Capistrano de Abreu — (373) — Capistrano de Abreu — (374) — Capistrano de Abreu — (375) — Capistrano de Abreu — (376) — Capistrano de Abreu — (377) — Capistrano de Abreu — (378) — Capistrano de Abreu — (379) — Capistrano de Abreu — (380) — Capistrano de Abreu — (381) — Capistrano de Abreu — (382) — Capistrano de Abreu — (383) — Capistrano de Abreu — (384) — Capistrano de Abreu — (385) — Capistrano de Abreu — (386) — Capistrano de Abreu — (387) — Capistrano de Abreu — (388) — Capistrano de Abreu — (389) — Capistrano de Abreu — (390) — Capistrano de Abreu — (391) — Capistrano de Abreu — (392) — Capistrano de Abreu — (393) — Capistrano de Abreu — (394) — Capistrano de Abreu — (395) — Capistrano de Abreu — (396) — Capistrano de Abreu — (397) — Capistrano de Abreu — (398) — Capistrano de Abreu — (399) — Capistrano de Abreu — (400) — Capistrano de Abreu — (401) — Capistrano de Abreu — (402) — Capistrano de Abreu — (403) — Capistrano de Abreu — (404) — Capistrano de Abreu — (405) — Capistrano de Abreu — (406) — Capistrano de Abreu — (407) — Capistrano de Abreu — (408) — Capistrano de Abreu — (409) — Capistrano de Abreu — (410) — Capistrano de Abreu — (411) — Capistrano de Abreu — (412) — Capistrano de Abreu — (413) — Capistrano de Abreu — (414) — Capistrano de Abreu — (415) — Capistrano de Abreu — (416) — Capistrano de Abreu — (417) — Capistrano de Abreu — (418) — Capistrano de Abreu — (419) — Capistrano de Abreu — (420) — Capistrano de Abreu — (421) — Capistrano de Abreu — (422) — Capistrano de Abreu — (423) — Capistrano de Abreu — (424) — Capistrano de Abreu — (425) — Capistrano de Abreu — (426) — Capistrano de Abreu — (427) — Capistrano de Abreu — (428) — Capistrano de Abreu — (429) — Capistrano de Abreu — (430) — Capistrano de Abreu — (431) — Capistrano de Abreu — (432) — Capistrano de Abreu — (433) — Capistrano de Abreu — (434) — Capistrano de Abreu — (435) — Capistrano de Abreu — (436) — Capistrano de Abreu — (437) — Capistrano de Abreu — (438) — Capistrano de Abreu — (439) — Capistrano de Abreu — (440) — Capistrano de Abreu — (441) — Capistrano de Abreu — (442) — Capistrano de Abreu — (443) — Capistrano de Abreu — (444) — Capistrano de Abreu — (445) — Capistrano de Abreu — (446) — Capistrano de Abreu — (447) — Capistrano de Abreu — (448) — Capistrano de Abreu — (449) — Capistrano de Abreu — (450) — Capistrano de Abreu — (451) — Capistrano de Abreu — (452) — Capistrano de Abreu — (453) — Capistrano de Abreu — (454) — Capistrano de Abreu — (455) — Capistrano de Abreu — (456) — Capistrano de Abreu — (457) — Capistrano de Abreu — (458) — Capistrano de Abreu — (459) — Capistrano de Abreu — (460) — Capistrano de Abreu — (461) — Capistrano de Abreu — (462) — Capistrano de Abreu — (463) — Capistrano de Abreu — (464) — Capistrano de Abreu — (465) — Capistrano de Abreu — (466) — Capistrano de Abreu — (467) — Capistrano de Abreu — (468) — Capistrano de Abreu — (469) — Capistrano de Abreu — (470) — Capistrano de Abreu — (471







**EM TEMPOS MUITO REMOTOS...** — 7 AC — Os homens se regem pelo Direito Natural: todos eram livres e iguais. Não existia Estado e nem a propriedade privada. Chamava-se a esse período a **Idade de Ouro**. Os povos eram politeístas, adorando deuses diferentes, representados inclusive por animais. Não havia mercadores, aliás como em todas as religiões, quando se fundam: surgiram depois, multiplicando-se como cogumelos, pelo mundo afóra, e de tal forma exploravam a ignorância e a credulidade do povo, que Jesus Cristo, posteriormente, chamou-os de "Raja de Viboras".



**SECULOS DEPOIS...** — 5.000 anos AC — A geração seguinte, mais numerosa, corromperam-se. Surgiu a cobiça, o orgulho, o descontentamento, por consequência as lutas internas. Os homens criaram um Estado, a propriedade privada e diferentes leis, artificiais, atendendo exclusivamente aos interesses de alguns espertos e velhacos, oprimindo, como resultado, a maioria, que a pouco e pouco foi perdendo a felicidade que antes desfrutara. Os homens, embora biologicamente iguais, passaram a ser desiguais socialmente: senhores e escravos. Iniciou-se assim a exploração do homem pelo homem, sob a forma mais cruel.



**340 a 325 AC** — Aristoteles, "in Política", defendia a tese: "O direito ao Senhor de dispor livremente do escravo é contrário à natureza" e "a diferença entre homens livres e escravos foi criada pelas leis humanas e não pela natureza" e isto "é uma injustiça, porque significa uma modificação na ordem natural das coisas". — Aristoteles foi, talvez, a primeira voz sábia e humana a defender o trabalhador contra o explorador. A seguir, foram tomando corpo as reivindicações das massas trabalhadoras, que lentamente vão conquistando direitos, através dos séculos, embora pagando preços incalculáveis de suor, lágrimas e sangue.



**NASCE O SALVADOR...** — Século O — Preza o monoteísmo que os homens são iguais. Aconselha, porém, as massas, o abandono de quaisquer reivindicações na terra, pois terão: "Também vos digo que não é fácil a passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que a sua produção baseada no trabalho servil: escravidão e servidão. Sendo o trabalho considerado ultrajante e próprio apenas para os pobres, dele se afastaram as melhores inteligências e os artistas melhores, dotados do patrocínio. Os senhores e os escravos trabalhavam sem outro estímulo que o chicote. Por isso, bastaram as ameaças dos bárbaros povos germânicos para destruir o império romano.



**DECADENCIA DO MUNDO ANTIGO...** — Séculos III a IV — Depois que Roma conquistou o esqueceu todo o mundo antigo: depois que devorou as riquezas roubadas ao inimigo, começou a sua irreversível decadência, pois tinha a sua produção baseada no trabalho servil: escravidão e servidão. Sendo o trabalho considerado ultrajante e próprio apenas para os pobres, dele se afastaram as melhores inteligências e os artistas melhores, dotados do patrocínio. Os senhores e os escravos trabalhavam sem outro estímulo que o chicote. Por isso, bastaram as ameaças dos bárbaros povos germânicos para destruir o império romano.



**INICIO DA IDADE MEDIA...** — Século IV — Sobre as ruínas do império romano, os bárbaros germânicos edificaram novas organizações políticas. Germânicos e cristãos, em união redobrada, foram as principais forças que reergueram a Europa. Ambas estas forças tiveram origem no direito comunal e na democracia, que a princípio defenderam com ardor e sinceridade. Sofreram, todavia, de tal forma a influência da situação econômica da época, que o primitivo e defendido direito comunal, mais uma vez, cedeu lugar ao direito privado, egoístico, que premia, via de regra, os mais rapaces.



**EM PLENA IDADE MEDIA...** — Século IX — Com o desenvolvimento progressivo da propriedade privada e da vida urbana, foi sendo abandonado, esquecido e depois odiado, gradativamente, o velho direito natural dos colégios da Igreja. Afinal, os monges continuaram defendendo-o e alguns elaboraram doutrinas baseadas nos princípios do Direito Natural. As classes produtoras viviam em servidão. O feudalismo e o sectarismo religioso, representado pela Inquisição da Igreja, escreveram as páginas mais negras e tristes da História, retardando o progresso humano de séculos.

# História do Socialismo e das Lutas Sociais

## por Max Beer, famoso historiador

UMA GUERRA DE IDÉIAS NÃO PODE SER GANHA SEM LIVROS, TAL COMO UMA BATALHA NAVAL NÃO PODE SER GANHA SEM NAVIOS — Roosevelt

Neste livro extraordinário, a História da Humanidade não é contada como nos livros clássicos, nos quais os guerreiros são enaltecidos, os reis exaltados, a pompa, o luxo e as concubinas decantadas. É a História do mundo vista por um ângulo diferente: o do esforço titânico das classes trabalhadoras, desde os primórdios da Humanidade até os nossos dias, para a conquista do direito de serem tratadas como criaturas humanas, iguais aos ricos, pois que o são biologicamente e perante Deus. Revive a História desde o regime do trabalho escravo — sua evolução lenta através dos séculos, em que os operários, mesmo os de 9 anos de idade, trabalhavam mais de 14 horas por dia — até os dias atuais. Acreditamos não ter elogios bastantes, ao dizermos que esta obra será de imensa utilidade não somente para o grande público ávido de ensinamentos novos e verdadeiros, mas também para os historiadores profissionais, que passarão a consultá-la com frequência para não aprenderem mais nada que não tenham ignorado.

\*\*\*\*\*

**SOMENTE LENDO ESTE IMPRESSIONANTE LIVRO PODERÁ O TRABALHADOR BRASILEIRO COMPREENDER O QUANTO TEM CONQUISTADO PACIFICAMENTE DE DIREITOS, QUE SEMPRE LHE FORAM RECUSADOS, GRAÇAS, EXCLUSIVAMENTE, À VISÃO SUPERIOR E À PREVIDÊNCIA DO GRANDE PRESIDENTE VARGAS, QUE ASSIM EVITA A LUTA DE CLASSES NO BRASIL.**

\*\*\*\*\*

Façamos a Revolução antes que o povo a faça, foi a bandeira de 30 e, na verdade, estamos em plena Revolução em Marcha, sob a chefia de Vargas, para elevar, em futuro próximo, as classes operosas ao Poder, conforme assegurou à Nação o nosso esclarecido Presidente, no seu formoso discurso de 10 de Novembro, com as seguintes palavras: "A primazia nas posições de direção, controle e consulta, caberá aos que trabalham e produzem e não aos que se viciaram em cultivar a atividade pública como meio de subsistência e instrumento de simples acomodações pessoais". Apesar das tão claras e incisivas palavras do Presidente Vargas, os fascistas teimam em repetir as suas infâmias e mentiras, acusando de comunistas a quantos lutam pela materialização das idéias do Presidente e repudiam o Fascismo, bem como aos que desejam conhecer as novas diretivas sociais do mundo. Hitler, insano, queimou livros, supondo assim destruir as idéias de liberdade, que são imortais: os seus simpatizantes, aqui, pregaram a repetição de façanhas tão estúpidas...



# ÚLTIMAS NOVIDADES DA EDITORIAL PEIXOTO, S. A.

## Curso de Direito Romano

DO PROF.  
MATOS PEIXOTO

## Fenômeno Militar Russo

DO CEL.  
J. B. MAGALHAES

## Três Rainhas Galantes

POR  
HENRI HOUSSAYE

## Pediatria

DO PROF.  
MARTAGÃO GESTEIRA

## Espionagem

POR  
ROBERTO G. WOLF

## Preceituário da Ortografia Nacional

POR  
NOGUEIRA RIBEIRO

# EDITORIAL PEIXOTO, S. A.

MATRIZ:

RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 56  
RIO DE JANEIRO

FILIAIS:

SÃO PAULO: Av. Rangel Pestana, 265  
RIBEIRÃO PRETO: Rua Alvares Cabral, 65-A

## ÚLTIMOS LIVROS LANÇADOS PELA EDITORIA "A NOITE"

- JOSE MARIANO PI-  
LHO. Influências  
muçulmanas na ar-  
quitetura tradicio-  
nal brasileira . . . Cr\$ 35,00
- PEDRO CALMON.  
História do Brasil na  
poesia do povo . . . Cr\$ 15,00
- MENOTTI DEL  
PICCHIA. Salomé  
(Romance) . . . Cr\$ 18,00
- MENOTTI DEL  
PICCHIA. Laila (Ro-  
mance) . . . Cr\$ 8,00
- A. CARNEIRO  
LEAO. Meus Heróis  
Cr\$ 10,00
- NOGUEIRA DA SIL-  
VA. Gonçalves Dias e  
Castro Alves . . . Cr\$ 8,00
- JOAO DA COSTA  
PALMEIRA. Epopéia  
Amazônica . . . Cr\$ 10,00
- DOMINGOS NEVES.  
O Meu Secretário.  
(3.ª edição) . . . Cr\$ 15,00
- BARAO DO RIO  
FRANCO. O Viscon-  
de Rio Branco . . . Cr\$ 18,00
- PAUL FRIEDLAENDER.  
Os anos perigosos da  
Inglaterra . . . Cr\$ 25,00
- CATULO DA PAL-  
MÃO. CLARENSE.  
Um Boêmio no Céu Cr\$ 7,00

À venda em todas as livra-  
rias. Os pedidos podem ser  
feitos diretamente à Editor-  
ia "A Noite", Praça Mauá,  
7-5.º andar

# A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL

por Peter F. Drucker

Não é um plano. Não é uma simples resenha histórica. Não é mero depoimento.

É tudo isto e mais do que isto: é uma completa, perfeita, acabada e definitiva visão do que foi, é, e será, depois da  
Guerra, o mundo contemporâneo.

## INTERESSA . . .

a industriais, operários, banquei-  
ros, médicos, advogados, intelec-  
tuais, professores, homens do  
Estado... interessa ao "man-in-  
the-street"; aos contemplativos e  
aos homens de ação... interessa  
a todos os trabalhadores anôni-  
mos da paz universal.

Pequena tradução de

IVALDO CORREIA LIMA

Não se trata de um panfle-  
to, mas de uma informação  
honesto e segura sobre o  
crescimento dos princípios em  
que repousa a sociedade  
moderna.

## E APAIXONA

"Marx tomou dos economistas ortodoxos  
a asserção de que o homem é, na fundo,  
um animal econômico. Hitler afirma,  
com os biólogos e psicólogos, que o ho-  
mem é, na essência, glândulas, heranças  
e impressões nervosas. Nenhum dos re-  
volucionários acrescentou alguma coisa  
às criações fundamentais do racionalis-  
mo de seu tempo. Tudo o que fizeram...  
(Págs. 269 e segs.)

Um tema assustador, num livro sensacional, que a EPASA editou como uma contribuição de boa vontade, em prol de um  
mundo melhor. Toda a atenção por volta da organização social do futuro não repousa nesta obra magistral de Peter  
F. Drucker, cujo extraordinário sucesso, nos Estados Unidos e na Inglaterra, prova a força de seus raciocínios e o poder de  
convicção de suas conclusões!

A MAIS PALPITANTE EDIÇÃO EPASA PARA 1944

OBJETIVO! CLARO! SIMPLES! CABAL! ESCLARECEDOR!

À venda, a partir de hoje, em todas as Livrerias do Brasil — Preço: Cr\$ 20,00. Pedidos por reembolso postal à  
EPASA, — Avenida Rio Branco, 25 — Rio

A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL: um grande livro, para ler e guardar.



# Livrarias e Editoras

## Novidades e Antiguidades Bibliográficas

Livraria



Incubus Ltda.

RIO DE JANEIRO  
BRASIL

Importação de livros indo-americanos. Litera-  
ra — Artes — Ciências — Sociologia — Fi-  
losofia — Economia — Finanças, etc.  
Aceitam-se encomendas de quaisquer obras e  
fazem-se remessas contra reembolso para  
todo país.

COMTE — Principes Ensayos	Cr\$ 40,00
CROSMAN — Biografia del Estado Mo- derno	45,00
MAYL — Trajectory del Pensamiento	45,00
NELLEN — Teoria del Estado	45,00
LASHI — Liberalismo Europeo	45,00
BURY — Historia de la Libertad de Conciencia	16,25
CANVILE — Libertad Política	20,00
KRAHNSBURG — Teoria Política	20,00
BRATSPORD — Voltaire	20,00
MOSES — Evolución	20,00
LOCE — Ensayo sobre el Gobierno (Civil)	20,00
MILTON — Aeropagica	20,00
MOSE — Utopias del Renacimiento	20,00
BURKE — Teoria Política	20,00
HAMILTON — El Federalista	20,00
M. y VERGOS — La Independencia Me- xicana	20,00
SIERRA — Evolución Política del Pue- blo Mexicano	20,00
SHOTWELL — Historia de la Historia	20,00
COUCH — Historia e Historiadores	20,00
JACSON — Palestra	20,00
MEINCKE — El Historiismo y su Ge- nesis	20,00
PIRENNE — Historia de Europa	20,00
RISARD — Historia de Francia	20,00
TREVELYAN — Historia Política de In- glaterra	20,00
CUVILLER — Pensamientos	20,00
A. MAURLANG — Fovies	20,00
LUPPOL y J. LUC — Diderot — Vols. I y II	20,00
LAFFEVRE — Nietzsche	20,00
KANT — Filosofía de la Historia	20,00
VIGO — Ciencia Nueva	20,00
SMITH — Teoria de los Sentimientos Morales	20,00
MU. BERNI — Meditaciones Cartesianas	20,00
CASO — Méjico y la Fica Moderna	20,00
SAMARA — Pensamientos y Metacismo	20,00
ROBERTSON — Industria	20,00
BONAVIA — Economía de las trans- acciones	20,00
DE KOCK — La Banca Central	20,00
CANNAN — Papeles a la Teoria Eco- nómica	20,00
PIRENNE — Historia Económica y So- cial	20,00
DOBB — Salarios	20,00
DAY — Historia del Comercio	20,00
STOLPER — Historia Económica de Ale- mania	20,00
CROCE — Historia como base de la Libertad	20,00
HENDERSON — Las Leyes de la Oferta y la Demanda	20,00
STRACHEY — Historia de la Crisis	20,00
LEY — Historia Nacional de Economía	20,00
PIGOU — Teoria y Realidad Económica	20,00
KEYNES — Teoria General de la ocupa- ción	20,00
CHANDLER — Introducción a la Te- ria Monetaria	20,00
BAUNDERS — Población Mundial	20,00
ELLSWORTH — Comercio Internacional	20,00
NOVDEL — Economía Geográfica	20,00
KIMBALL — Economía Industrial	20,00
COREN — Economía Agrícola	20,00
LAUFENBURGER — Intervención del Estado	20,00
ROBINSON — Monopolio	20,00
ROLL — Historia de las Doctrinas Eco- nómicas	20,00
PUGLIESE — Instituciones de Derecho Fiscal	20,00
WEBER — Historia Económica General	20,00
KIRKLAND — Historia Económica de E. Unida	20,00
HECKSCHER — La Época Mercantilista	20,00
HEWEL — Introducción a la Sociología	20,00
TONNIES — Principios de Sociología	20,00
MEDINA — Sociología Teoria y Técnica	20,00
POVINA — Historia de la Sociología La- ino-Americana	20,00
RODENHEIMER — Teoria del Derecho	20,00
CAILLON — El Hombre y lo Sagrado	20,00
LINTON — Estudio del Hombre	20,00
BARTLETT — Propaganda Política	20,00
BENEDICT — Base, Ciencia y Política	20,00
PRENANT — Base y Desarrollo	20,00
BORKENAU — Paradoja	20,00
MARVIN — Comis	20,00
ROBSON — Vicio	20,00
AYALA — Oppenheimer	20,00
MANNHEIM — Ideología y Utopia	20,00
MANNHEIM — Libertad y Planifica- ción	20,00
WEBER — Historia de la Cultura	20,00

GALERIA CRUZEIRO Lojas 3, 4 e 7  
Tels. 22-4833 — 22-4700

RUA DA CARIOCA, 45 — 2.º a 4.  
Tel. 22-2113

SOLICITEM CATÁLOGO MENSAL DE  
NOVIDADES

## Oportunidades Bibliográficas

Shakespeare: **OEUVRES COMPLETES** traduits par Emile Mon-  
taguier, 1689, enc., 10 vols., 1900 — Lord Byron: **OEUVRES COMPLETES**, traduits par Benjamin Laroché, 1851, 4 vols., 1910 — Renard: **OEUVRES COMPLETES**, texte de 1576, 4 vols., br., 1900 — Plutarque: **LES VIES DES HOMMES ILLUSTRÉS**, traduits en français par Ricard, 4 vols., enc., 1910 — Jules Lemaître: **SUPPLÉMENT DE THEATRE**, 16 vols., enc., 1900 — St. Taine: **HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE ANGLAISE**, 1882, 3 vols., enc., 1900 — Henry Thomas Buckle: **HISTOIRE DE LA CIVILISATION EN ANGLETERRE**, 1857, enc., 5 vols., 1910 — J. J. Ampère: **HISTOIRE ROMAINE**, 1866, enc., 4 vols., 1900 — Mommsen: **HISTOIRE ROMAINE**, enc., 7 vols., 1900 — Edward Gibbon: **HISTOIRE DE LA DÉCADENCE ET DE LA CHUTE DE L'EMPIRE ROMAIN**, 1823, 3 vols., enc., 1900 — Emile Zola: **LES ROUGES-MACQUART**, 31 vols., enc., 1900 — R. P. Ramié: **MANUEL D'ÉCRITURE SAINTE**, 1929, 1 vol., enc., 1900 — Clovis Huysmans: **PRAXIS E BANCHEIRAS DO BRASIL**, enc., 1900 — Baptiste Coudan: **VOCABULAIRE GUARANI**, enc., 1910 — Henri Puy: **L'EMPIRE ROMAIN**, enc., 1910 — Schiller: **OEUVRES DRAMATIQUES**, trad. de Barante, 3 vols., enc., 1910.

Atende a encomendas do Interior pelo Serviço Postal de Reembolso

ANTONIO S. SANT'ANNA

LARGO DE S. FRANCISCO, 44, 1.º, SALA 2

(Início da rua Luis de Camões)

TELEFONE 25-4328

SAIU O NÚMERO DE FEVEREIRO

## SINTESE

Como ganhei os meus primeiros dólares (Taylor Searum) — Deus ajuda a quem — (March Twain) — O sonho do ouro do Pa-  
ganini — A personalidade reside nos detalhes — Fim da Fuga  
(Conta de Somerset Maugham) — Como aporcar os homens — A  
primeira revista coriaca — Considerações sobre a arte (Alvarus) —  
Os detetives nas novelas policiais — Libertação (Conta de Ivo Bar-  
niz, Prêmio Nobel de Literatura) — As peças de Shakespeare —  
Pearl Duck, a novelista da América — Morrer é uma questão de  
coração — O plano da Vitória (Bernard Shaw e Wells) — A Améri-  
ca foi visitada a pavoada por migrações orientais — O autor de "Dom  
Quixote" passa pelos piratas e vende como escravo — Como vive  
Alfons Huxley nos Estados Unidos — O drama de Madison Mavor  
(Novela de Agatha Christie) — Orson Welles, sua audácia e seu gé-  
nio — Alphonse Daudet visto por Abel Hermant — A tatuagem e  
serviço da medicina — Six Ponce (Conta de Katherine Mansfield)  
— A lição de Sarmiento (José Lima da Rego) — Tradição e inova-  
ção da cultura (Edmundo Morais) — A guerra de 1943 (Os princi-  
pais acontecimentos em todos os frentes) — A Cruz da Legião do  
Honra é uma estrela — Figuras Continentais: Franklin Roosevelt  
(Paulo de Medeiros) — Uma usina na era do cobre — Thomas Mann  
(D'Almeida Vitor) — O super-homem de Nietzsche (Néstor Meniz) —  
No Mundo Cinematográfico — Leu este livro?

## LOGOSOFIA RAUMSOL

"O ensinamento logosofico tem repercussão imediata no destino do  
homem" — Raumsol.

Seja altruista consigo mesmo, dando à sua mente o alimento de que ela necessita  
PARA TODOS E AO ALCANCE DE TODOS

Visite a exposição das famosas obras do psicólogo RAUMSOL na Livraria Freitas Santos  
(Largo da Carioca), em cujas vitrinas e mostruários internos também encontrará coleções com-  
pletas da substancial Revista "LOGOSOFIA". Exotico seu espírito e robustez suas energias mo-  
rais, mentais, espirituais, sob o calor vivificante dos ensinamentos logosoficos. Literatura alta-  
mente positiva e construtiva. Além de tonificante, ameno, formoso, repousante, é de real utili-  
dade prática para a vida, propiciando a evolução consciente em todos os sentidos, a possibilitando,  
assim, a conquista de um bem-estar inalterável e duradouro.

PIÇA FOLHETOS



**FIM DA IDADE MÉDIA...** — Século XV — As duas grandes potências mundiais da época — o Império e o Papado, cuja rivalidade pela conquista absoluta do Poder, encerra toda a Idade Média, foram abaladas até os alicerces pelo aparecimento dos Principados Soberanos. O aumento crescente da população e o desenvolvimento do comércio e da indústria deram origem a violentos antagonismos entre a **burguesia nascente** e a **aristocracia feudal**. Surgiram as revoltas camponesas, estimuladas pelos Papas, ora pelos Reis, que se guerreavam de todas as formas. O resultado foi a **burguesia vencer a ambos**, séculos depois.



**A ERA DAS UTOPIAS...** — Séculos XVI a XVIII — Esse período histórico notabilizou-se por um considerável desenvolvimento das ciências naturais e pelas grandes descobertas, enfim, nos domínios da razão e da moral. Tomas More, com a sua "Utopia"; Campanella, com "A Cidade do Sol"; e Bacon, com "Nova Atlântida" traduzem, em escritos maravilhosos, o sentimento de antedade da época, por um mundo melhor, em que os homens pudessem viver como irmãos e iguais oportunidades fossem oferecidas a todos. Os intelectuais ingenuamente procuraram em sonhos e com apelos aos ricos melhorar a sorte dos trabalhadores.



**A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA** — Século XVIII — A revolução burguesa, iniciada em 1642, continuou a desenvolver-se até 1689, terminando pela sua vitória. A máquina a vapor e o tear transformaram a Inglaterra de país agrícola em super-industrial. Os abundantes lucros obtidos não foram embolsados nem pelos inventores, sábios ou profetas, mas pelos comerciantes e banqueiros, que se utilizaram dos seus trabalhos. Homens, mulheres e crianças, desde 9 anos de idade, trabalhavam mais de 14 horas por dia e viviam na mais dolorosa miséria física e moral.



**CARLOS HALL, O TEÓRICO DA LUTA DE CLASSES** — Séculos XVIII a XIX — Dizia em "Os Efeitos da Civilização": "Os operários criam os valores, mas só recebem um salário. O lucro nasce justamente da diferença entre o valor e o salário". Esse lucro é repartido entre os grandes senhores de terra, os patrões e os comerciantes". Entretanto, Hall limita-se a apresentar proposições de reformas moderadas: nacionalização do solo, volta ao artesanato, simplicidade, supressão do luxo, magnanimidade dos ricos para com os pobres, que trabalhavam 14 horas e viviam pior que os cães...



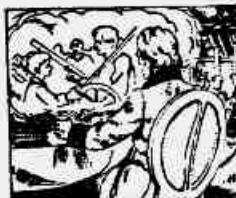
**DA TUTELA À LIBERDADE...** — Séculos XVIII a XIX — A burguesia, em França, a partir do século XVII, e os membros das profissões liberais e os ligados, começaram a reclamar inteira liberdade de ação. A ideia de que a intervenção do Estado na vida econômica só era prejudicial, difundia-se cada vez mais. Os camponeses reclamavam a confiscação, em proveito do povo, dos bens fabulosos do clero e da nobreza, supondo assim resolverem os seus problemas. A **liberal democracia** foi se instalando irresistivelmente, apoiada pela rica burguesia. Cumprira a sua função histórica, permitindo grande surto de progresso.



**A REVOLUÇÃO FRANCESA** — Século XVIII — A ditadura pequeno-burguesa, vencedora, com Robespierre à frente, em pouco foi substituída pela do Diretório. As reivindicações proletárias foram para logo desprezadas. Intelectuais revolucionários apoiavam Robespierre, supondo ser a **democracia** bom meio para se chegar à **igualdade econômica**. "Da ditadura da ditadura", tal era a palavra de ordem. Foi a primeira vez, praticamente, que os proletários lutaram pela conquista do Poder. Mal preparados, sem chefes capazes, fracassaram.



**O MOVIMENTO DOS LUDISTAS** — Século XIX — A partir do século XVIII, a máquina cria a grande indústria e, por consequência, o **capitalismo**. Todos percebem que a máquina está realizando a maior das revoluções e cavando um abismo entre os pobres e os ricos. O proletariado, que cada vez mais miserável se tornava, enquanto mais ricos ficavam os donos das máquinas, começa a pregar: "Destruamos esses monstros (máquinas), antes que se tornem mais numerosos! Se eles se multiplicarem, farão de nós os seus escravos!" Surgiram assim os **"ludistas"**, os destruidores de máquinas. Acabaram na forca!



**SOCIALISMO NA INGLATERRA** — Século XIX — Com Roberto Owen começou na Inglaterra a história do socialismo moderno. Foi Owen o primeiro crítico social que, antes de todos os economistas e políticos burgueses, compreendeu o significado da revolução industrial e procurou os meios de pôr as conquistas dessa revolução a serviço do progresso social. Grande industrial defensor, em 1800, que os menores de 10 anos não deveriam ser admitidos nas fábricas; facilidade do ensino para os pobres; higienização dos locais de trabalho (eram verdadeiros zigueiros); a fundação de casas de previdência para assistência médica e emprego à velhice, bem como ao desemprego; pois a **máquina** só proporcionou riquezas crescentes aos capitalistas e desemprego, menores salários e miséria para o proletariado.



**CARLOS MARX - 1818 a 1883** — Enquanto, na Alemanha, procuravam propagar as ideias do socialismo francês e criar uma base filosófica para o socialismo alemão, Carlos Marx, em Paris, elaborava a sua doutrina, que logo iria eliminar todas as outras e tornar-se patrimônio comum de todos os socialistas. Antes de Marx, o proletariado era explorado pela política e um simples motivo de piedade para os sociólogos. Marx elevou-o ao lugar de preponderante do Poder, de futura classe dominante, chamada a derrubar a antiga ordem e edificar a nova, mais humana e justa, em que todos tivessem as mesmas oportunidades. Evolução por meios revolucionários, compreensão da realidade econômica e ação revolucionária, estas as ensinamentos que Marx deixou para os trabalhadores manuais e intelectuais de todo o mundo.



**DA LIGA DOS JUSTOS À LIGA DOS COMUNISTAS** — Século XIX — A Liga dos Justos se propunha luta pela justiça social. Seus membros estavam fortemente influenciados pelo livro "Palavras de um Crente", de Lamennais, que era um padre revoltado contra o desvirtuamento da Igreja e que escrevia em estilo bíblico a favor da democracia e da justiça social. Foi ele o autor da célebre frase: "Proletariado de todo o mundo, uni-vos." A Liga manteve ativo contato com as associações filiais e assembléias, acompanhando atentamente os progressos das ideias socialistas e novas concepções sustentadas por Marx e Engels. Dentro da Liga fundiam-se ideias do socialismo utópico e do socialismo científico. Terminou por se transformar em Liga dos Comunistas, tendo Marx e Engels escrito para ela o Manifesto Comunista, tão famoso.



**ERA IMPERIALISTA** — Séculos XIX e XX — A riqueza foi se acumulando nos mãos de um número cada vez menor de indivíduos, que passaram a dominar o mundo e a explorá-lo em seu proveito exclusivo. A máquina substituiu cada vez mais o proletário, não o desempregou. A concorrência determinou a ampliação das empresas, que se transformaram em trustes e cartéis, além de obterem maiores lucros com a produção em massa, com a qual não pode conceber o pequeno fabricante. Sendo o lucro em unidade pequena, é preciso conquistar-se mercados exteriores para aumentar a quantidade vendida. Essa expansão, "conquista pacífica" dos países, exige grandes construções navais e armamentos para proteger os navios na luta contra a concorrência dos países rivais. Surgem as crises periódicas, e, por consequência, as guerras.



**1.ª e 2.ª INTERNACIONAIS** — Séculos XIX e XX — Na 1.ª Internacional, Marx redigiu o manifesto "Mensaje Inaugural" — onde expunha as ideias fundamentais: organização do proletariado em partido de classe, luta pela legislação social, criação de cooperativas operárias, luta contra a diplomacia secreta, união de todos os proletários do mundo e libertação econômica da classe proletária. Na 2.ª Internacional, o único resultado positivo foi a expulsão dos anarquistas do seu meio. A imensa maioria do congresso defendia a tese: "Não trairemos nem a pátria e nem o socialismo". Esse Congresso fracassou, por não poder eliminar a contradição resultante do seguinte fato: — enquanto existirem propriedade privada, capitalismo e opressão, os objetivos do socialismo não poderão ser compreendidos pelas massas.



**PROGRESSO DO MOVIMENTO SOCIALISTA NO MUNDO** — O progresso do movimento socialista no mundo tem sido notável. Reduzido é o número de países em que as classes proletárias não estejam organizadas e lutando pela melhoria das condições de vida. Até mesmo no Japão o movimento socialista merece atenção. Lá existiu o Partido Social-Democrata, fundado em 1901, e que orientava as massas trabalhadoras japonesas. Em 1910, vários dirigentes socialistas foram condenados à morte e executados, sob acusação de preparar um atentado contra o vício do Imperador. Protestos socialistas são usados em toda a parte para ulcizar as reivindicações proletárias. Com o advento de um governo fascista, as associações proletárias japonesas foram colocadas fora da lei, e as massas trabalhadoras retrograderam à escravidão.



**O GOVERNO SOCIALISTA DE VARGAS** — Capítulo a escrever-se — Antes de 1930, os governantes consideravam as reivindicações proletárias como um caso de Polícia. Depois, Vargas iniciou a sua revolução branca, social. O trabalhador, que obtivera 8 horas de trabalho, passou a ter também férias remuneradas, aposentadoria e amparo na velhice, abono de família, estabilidade no emprego, creches nas fábricas, amparo à maternidade, restaurantes fábricas, higiene completa nos locais de trabalho, sindicalização, salário mínimo, proibição do trabalho de menores de 16 anos, etc. Vargas, agora e evolutivamente, vai cumprindo o seu objetivo: os interesses da coletividade prevalecerão sobre os individuais. Sem choques e eliminando os abismos decorrentes das desigualdades econômicas e sociais injustas, Vargas prepara o Brasil para os tumultuosos dias que virão.

**Obra em 2 volumes - cada um Cr\$ 25,00 nas Livrarias e Cr\$ 26,00 pelo Serviço de Reembolso - EDITORIAL CALVINO LIMITADA - Caixa Postal 1889 - Rio de Janeiro**



com virtudes novas, ou com mais relevos postas em destaque: o respeito ritual pelo documento; a fidelidade de verificação das origens; o agrupamento filosófico das seções; as correntes formativas do determinismo econômico e dos conceitos espirituais; a análise mais precisa dos fatos; a ampliação do campo de visão; a busca de depoimentos mais abundantes e mais seguros; o impessoalismo da psicologia; o apuro na preocupação de narrar e evitar de provar; a mais absoluta probabilidade no citar e no concluir; a redação "aíne" ao estudo.

Os "Capítulos de História Colonial", já são, e cada vez mais constituirão modelo de orientação honesta, de busca literária e de crítica construtiva. E há tantos outros, filhos do mesmo espírito superior!

As soluções de tanto enigma histórico de nosso país, o desenvolvimento e a divulgação de obras primas esquecidas ou insuficientemente aproveitadas, a coordenação de pesquisas e a convergência delas, obedeceram ao critério novo do espírito sabedor e claro do grande morto, a seu poder de evocação de ambientes. A noção impessoal e altruísta de auxiliar e sugerir colaborações irrestritas, não reservando nunca para si, antes com todos permitindo as riquezas que havia coligido.

E aí fulguram "Materiais e achados para a história e geografia do Brasil", "Frei Vicente do Salvador", a tradução do livro de Herbert Smith, as desfrases da autoria das narrativas de Fernão Cardim, de Ambrósio Fernandes Brandão, de Antonio Andreoni, e tantas e tantas mais, obras cujo longo enumerar não cabe nesta resumida e imperfeita revista. Farta, a lista das publicações sobre descobrimento e período colonial.

Pelo o cômputo dos escritos, e esta val ser a tarefa da recém-fundada "Sociedade Capistrano de Abreu", se verá quão vasto foi seu influxo e a injusta de lenda que corre sobre escassez e dispersividade de sua produção literária.

Talvez o afetuoso reparo, homenagem, entretanto, à excepcional valia do autor, se transforme em elogio máximo, por então se lhe revelarem a unidade de pensamento, o constante progresso, o alenteado volume, a insuperada beleza e prodigiosa ciência. E, contudo, tais a inteligência e os conhecimentos do sábio, que, ainda assim, nos lastimaremos não tivesse sido, para proveito geral, dez vezes maior o legado espiritual.

Nada, quão ser senão o que foi: um cérebro pensante, uma alma cheia de ternura. Nisso havia todo seu tesouro, aí demorava sua educação, no perfeito dizer do Birmão da Montanha.

Para que e por que desperdiçar energias e tempo em correr atrás de fúteis e insignificantes valorações ou glórias? Quão inútil, também... A seu modo, cumpria sua missão de servir a seus semelhantes, poder e mente e a sombra de frivolidade modesta.

#### A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO

De há muito, cabiam família e amigos seu horror às pompas e à ostentação. Exigia sempre enterro de última classe e, até, cova

para. Pareceu mais estrita obediência a seus sentimentos paternalistas seus despojos mortais ao do filho querido, Fernando, cujo falecimento prematuro tanto o havia feito sofrer; por esse motivo, alterou-se neste ponto a perfeita conformidade com o que havia determinado. Mas, quanto à outra disposição, foi religiosamente cumprida, e em carro fúnebre de indigente seguiu o corpo para o Campo Santo.

Quando, milagre insondável da afecção!... sem concerto, sem premeditação, sem sequer se ter isto pensado, a humilíssima cerimônia se transformou em apoteose ao amigo, ao sábio, ao justo, ao bom...

Quinze dias estivera doente e relativamente pouca gente havia sabido do combate travado com a pacificadora das lutas humanas. Logo assim, eram continuas as visitas. Não desenhia o porão paupérrimo onde se ia ficando, entre seus constantes câmbios — homens e livros, esse símbolo da inteligência e da bondade.

Nunca o abandonaram as nobres e altas e puras dedicações femininas que em vida sublevaria conquistar. Ali, muitas vezes por dia, se encontravam os mais lindos representantes do que o Brasil possui de melhor em todos os seus círculos. Não se divulgava a morte, nem por boletins nos jornais e, entretanto, algumas centenas de pessoas acotove-

lavam-se, em derradeira homenagem a esse homem que nada fora na escala dos fictícios valores sociais.

Pobre, simples professor, nunca dispusera de poder ou influência.

Limitava-se a ser um bom e um desprendido. Mas palavra bem alto, serena irradiação intelectual a gular discípulos nas pesquisas a bem do Brasil. Modelo de sacrifício, inspirador de novos sacrifícios no culto do ideal: servir a terra natal. Centro de conforto e de simpatia para quantos ele tinha amado, e de quem recebera em troca amizade e veneração.

E, num movimento espontâneo de amor, todos os presentes às

pobres e mesquinhas exequias — grandes nomes nacionais; humildes índios a que tinha servido e abrigado; respeitáveis senhoras por quem nutria tanto afeto e que lho retribuam com tanta sinceridade, sem limite de idade, das avós de cabelos brancos às mocinhas que desabrochavam à vida; discípulos pranteando o Mestre; íntimos rememorando as expansões de sua intimidade — todos, quiseram levar os restos queridos ao cemitério como uma demonstração última, singelo e augusta, de inarcessível saudade. E pelas ruas desfilou estranho préstito. Centenas de pessoas de todas as gerações, de ambos os sexos, unidas na mesma máguia e

no mesmo luto e no mesmo respeito, olhos raiados de lágrimas, foram carregando à mão, reverendo-se, o esquife de pobre em que repousava o grande brasileiro.

De dor e de tristeza o ambiente, é certo. Mas o alívio de tão locante e exaltada manifestação de carinho, era um Triunfador.

Vencera o egoísmo, com seu exemplo de vida modesta e votada ao serviço do Brasil. Vencera a riqueza, fazendo mais de que ela. Vencera a ignorância, alargando o âmbito do pensamento humano.

Vencera a indiferença das massas, impondo-se "maestro de colar che sanno".

Vencera a própria, pois sua memória e o paradigma de sua atividade espiritual inspirariam a discípulos e continuadores o coordenar de esforços, a fim de se lhe prolongar tempo a fora o influxo na formação moral e mental da terra que ele tanto havia amado.

E, nessa atmosfera religiosa de saudade, de admiração, de máguia e de efeto, partiu para o descobrimento a grande alma, bondosa e pura, serena e heroica, do Capistrano de Abreu.

Documento da nomeação de Capistrano de Abreu para oficial da Biblioteca Nacional.

## ESTUDOS SOBRE CAPISTRANO DE ABREU

(Continua na pag. 70)

em geral, terrível na sua quintaessência venenosa.

Ninguém como ele parecia um índio que houvesse percorrido a civilização e subido à tona da nossa cultura, com arco e flecha, semi-nú e indomável.

Li e estudava em todas as grandes línguas cultas e delectava as selvagens com o mesmo intenso amor.

Nunca, porém, conseguia levar a cabo o que principiava. As primeiras impressões bastavam-lhe, e assim, deixava-se ficar nas primeiras páginas do livro que não escrevia porque, naturalmente, achava curta a vida, e longa a arte.

Tudo o seu saber desaparecia agora, a maior parte inédita, dentro de si sem exterioridade a não ser a dos diálogos íntimos ou dos fragmentos admiráveis que, escaparam à sua negligente modestia.

No convívio dos seus discípulos e amigos, repartia o tesouro de experiência e de saber.

Uma vez, há muito tempo, perguntou-lhe porque não lia menos e não escrevia mais. Respondeu-me que havia já quem escrevesse de mais, lendo muito menos.

Senti o remoque que não vinha a mim reconhecendo a necessidade de equilíbrio entre os tagarelares e os silenciosos. Nesse tempo eu escrevia pouco. Contudo, lastimo que ele não quisesse escrever toda a nossa história e só ele poderia fazê-lo com autoridade. Fes, todavia, muito.

Devia ser hoje um dia de luto nacional.

("Jornal do Brasil" — 14-8-1927)

(1) — J. Capistrano de Abreu — O Descobrimento do Brasil — Rio, Sociedade Capistrano de Abreu — Atualidade do Brasil.



Outro retrato de Capistrano de Abreu nos últimos tempos

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

(Continuação da pag. 72)

perguntou si conviria mandar a ele o novo do achamento da terra pelo navio de mantimentos para: a. a mandar descobrir. Concordaram que sim. Os dias seguintes passaram-se na baldeação dos gêneros e na lavrança de uma cruz para alevanar a posse tomara em nome da coroa de Portugal.

A cruz foi chantada a 1 de maio; a 2, partiram o novo mandando ao Reino e a poderosa frota para a Índia, deixando lacrimosos dois degredados incumbidos de inquirirem da terra e irem apreendendo a língua; alguns marujos escreveram segundo parece.

(Capítulos de História Colonial — M. Orosco & C., Impresores — 1907).



NILS KAUFMANN.

# Uma aula de desenho, dada por Guignard

Os dois desenhos que publicamos hoje, nesta página e na página em frente, representam uma lição dada por mestre Guignard. Há algum tempo, Nils Kaufmann, um dos mais jovens alunos de Guignard, fez um desenho, inspirado em motivos tropicais — uma paisagem em que havia um papagaio, plantas aquáticas, troncos colossais de árvores. Guignard tomou do trabalho, levou-o consigo, completou-o. Deu, assim, ao seu aluno, uma lição de sua arte.

Tivemos ocasião de acompanhar o curioso trabalho. Fizemos, então, gravá-lo em duas fotos — a primeira do trabalho original de Nils Kaufmann, e a seguinte, já emendada, já completada por Guignard. Aqui vão reproduzidas as duas, para a vista de dois estudantes.

Para mostrar essa demonstração, pedimos ao mestre Guignard, imaginando entre o Professor e o Aluno, o diálogo que aqui reproduzimos:

Professor — Vamos lá! Para a sua cidade, já é muita coisa.

Mas, para que copiar o que eu fiz, se você já mostra tanta sensibilidade para desenhar? O que é preciso é desenhar mais, entender?

Aluno — E nos meus desenhos que aí estão, acha que se notam muitas imperfeições?

Professor — Eles revelam sensibilidade e vontade de se aperfeiçoar. Mas faltam-lhes atmosfera, falta-lhes vida, falta-lhes arte.

Aluno — Será melhor para mim desistir, então?

Professor — Longe disso. O que é preciso é ter calma, esperar que venha frutificar o que você está aprendendo. Para que pressa?

Aluno — E enquanto espero, que devo fazer?

Professor — Deve sobretudo observar as coisas e a vida. É pare como é a paisagem brasileira, que você quer reproduzir em seus desenhos. Veja o céu, o sol, a luz e a vida. Observe bem: não parece que está vendo um montão de conchas de conchas-flores?

Aluno — Tenho reparado, céticos de notas e de ouvido, tem professor, que o seu desenho é que ser um exercício visual, feito em forma de nota. Por que é isso?

Professor — Com efeito, quando eu desenho faço como pluma. E esse é o meu maior segredo: traço no papel go dos principiantes. Faço as minhas coisas de outro. Só para seus olhos do natural, eu, se que é a natureza que a luz, que poder, incute suas coisas. Mas sinto, posso diminuir no papel a minha coisa de gravuras.

Aluno — E por que motivo gosta professor — acha que eu prefiro para os desenhos essa folha de papel oleado?

Professor — E porque, sendo brancas e azuis como são, essas folhas de papel ficam mais facilmente iluminadas. Parecem assim ter luz própria, parecem projetar luz, parecem dar a luz ao desenho.

Aluno — Acha mal que eu faça muitos exercícios?

Professor — Pois que diga-lhe O exercício continuado faz o mestre. Veja como aprendeu a fazer o piano. É incessante o exercício que ele tem de fazer do do, ré, mi, fá, sol. — No desenho é a mesma coisa, só tem que, em vez de exer-

tem talento para desenhar, e a prova é que todo mundo vai a escola para aprender a ler e a escrever, e ao de lá sabendo o ABC. Portanto não há novidade maior em que você também a tenha...

Aluno — Ainda...  
Professor — Ainda... a conclusão de tudo é esta mesma: continue a trabalhar, trabalhe incessantemente... O resto — aperfeiçoamento na técnica, perfeição na arte, beleza e valor no trabalho — virá depois...

Aluno — Uma última pergunta professor — acha que eu tenho algum talento para o desenho?

Professor — Tudo o mundo trabalha — virá depois...

## A MEU PAI

Foras tu, caro pai, que do seio do Eterno  
Me arrancaste e trazeste a este mundo, a esta vida...  
Quando eu doabruei, qual flor recém-nascida,  
O sol que me aqueceu foi teu amor paterno.

Tu sangue é o sangue meu... Tu trabalho superno  
Ganhou-me o pão com que eu cresci e fui nutrido,  
Ah! Quanto te quero! quanta dor! quanta vida!  
Desde o calor do estio aos gelos do teu Inverno!

E agora dá-me a vida... E' noite. Vem comigo!  
Vem, que eu te elevaré a Jesus, teu Amigo,  
Que te espera saudoso... Oh! dá-me que saia!

Foras meu pai, e eu tua mãe seréi agora:  
Dar-te-é a eterna Luz, de que me deste a aurora;  
Dar-te-é, por esta vida a vida que é sem fim!

Honorina de Abreu





Nils KAUPMANN

# Palavras que enganam o tradutor de inglês

Os tradutores de inglês encontram sempre certas palavras que, pela sua semelhança com outras da nossa língua, parecem ter um determinado sentido. Em verdade, porém dizem coisa completamente diferente e nem sempre as designações os ajudam a resolver o problema. No seu livro "Aids to the Study of English", a autora conhecida Miss Hull, professora de Língua e Literatura Inglesa na Faculdade Nacional de Educação, insere um capítulo interessante a respeito dos "Catchy cognates or Deceptive Doubles". Com a devida vênia, publicaremos a partir de hoje o referido capítulo, de grande interesse para os estudiosos da língua inglesa.

## CATCHY COGNATES OR DECEPTIVE DOUBLES

- 1 — abuse: To misuse, offend, take undue advantage of; P. aproveitar, explorar.  
abusear: usar mal, prevalecer-se de alguém ou de alguma coisa.  
Exorbitar: E. to go too far, enganar, desonrar, violar.
- 2 — actual, actually: Real, in reality, even; P. na verdade, abl.  
atual, atualmente: Presente, presentemente; E. at present.
- 3 — Advice.
- 4 — Advice.
- 5 — affluence: Wealth, riches; P. riqueza, conforto.  
Afluência: Abundância, convicção; E. abundância, convergência, concorrencia, concorrencia de pessoas.
- 6 — affluent: Adj. wealthy, rich; P. abastado, rico.  
tributary of river.  
afluente: Rio que desagua noutro; E. the same as 2.<sup>o</sup> only.
- 7 — assist: To help, aid; P. auxiliar, ajudar, socorrer.  
assistir: Presenciar || tratar; E. witness, be present at.  
assist, pertencer || acompanhar || ajudar ||
- 8 — assumption: 1) Theory or fact taken for granted; P. suposição.  
2) act of taking over duty.  
assunção: 1) Elevação (especialmente da Virgem Maria ao céu).  
2) ato de assumir.
- 9 — attempt: Endeavour; P. tentativa.

- atentado: Atto criminoso, crime; E. assassination.
- 10 — avail: Help, benefit, be of use or advantage; P. servir, ser útil.  
avaliar: orçar || determinar o valor, preço ou merecimento || reconhecer a força, etc. ||  
Apreçar || E. estimate.
- 11 — balance: 1) Equilibrium; P. equilíbrio —  
2) pair of scales; P. balança —  
3) remainder of account; P. saldo.  
balança: Instrumento destinado a determinar o peso relativo dos corpos ||  
balança: Movimento oscilatório, aparelho de diversão para crianças, 2. equilíbrio || verificação de contas comerciais, acuriedade, solvência ||
- 12 — candid: Frank; P. franco.  
candido: Sincero || puro, inocente; E. naïve, innocent.  
alto || anánuo.
- 13 — candour: Frankness; P. franqueza.  
Candura: Pureza, inocência || E. innocence  
alvura || ingenuidade;
- 14 — casualty: 1) Soldier wounded or killed; P. baixas.  
2) accident.  
casualidade: Acaso, o que é fortuito; E. fortuitousness  
eventualidade, contingência.
- 15 — character: 1) Mental and moral nature, P. caráter.  
2) personage in drama.  
carater: natureza mental e moral.
- 16 — chemist: 1) Apothecary; P. farmacêutico —  
2) analytical chemist.  
químico: perito em química; P. analytical chemist.
- 17 — claim: Aspire to, assert rights, etc.; P. reclamar.  
clamar: Pedir em voz alta || gritar, bradar; E. shout for.  
protestar publicamente, voeliferar || implorar || reclamar ||
- 18 — commitment: Engagement; P. compromisso, cometimento: Empresa arrojada, façanha; E. feat.
- 19 — commodity: Ware, article of commerce; P. mercadoria, utilidade.  
comodidade: Bem-estar || o que é cômodo || E. convenience.

- 20 — compact: Agreement; P. ajuste, pacto.  
compacto: espesso, comprimido, denso; E. condensed, terse, compact.
- 21 — compromise: Adjustment by mutual concessions; P. conciliação, transigência, acordo.  
compromisso: Obrigação ou promessa mais ou menos solene || E. solemn engagement, contrato.
- 22 — compromising: Bringing under suspicion by indiscretion; P. comprometedor.  
compromissório: Havendo compromisso; E. binding.
- 23 — conceit: Vanity, fanciful notion (archaic), euphuism; P. convencimento, gozcriamo.  
conceito: Idéia, || opinião, || reputação ||; E. notion, repete.  
sentença, máxima || parte de uma charada em que se define a palavra inteira ||
- 24 — conceited: Vain; P. convencido, prosa, empáfia.  
conceituado: Considerado || E. esteemed, of good repute.  
que tem reputação (boa ou má) ||
- 25 — condescending: Patronizing; P. de modo superior, de cima para baixo.  
condescendente: Transigente; E. given to compromise or ready to.
- 26 — conform: Comply with; P. cumprir, adaptar-se a.  
conformar-se: Resignar-se; E. resign oneself to.  
condescender;
- 27 — Constrained.
- 28 — consume: Use up, eat, etc.; P. comer, usar.  
consumir: Gastar || enfraquecer || E. waste, waken.  
afagitar || curtir || empregar ou dedicar inteiramente ||
- 29 — contemplate: Gaze upon, meditate; P. olhar atentamente, meditar.  
contemplar: 1) Ficar os olhos, || meditar ||  
Conferir alguma coisa.
- 30 — convenient: Suitable, not troublesome; P. cômodo.  
conveniente: Decente || útil || que convem; E. expedient, seemly, proper.





# DIAS

(ESTUDO LIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EM 21 DE DEZEMBRO DE 1943)

— Manuel Bandeira

Quem, que é matrona de seu exemplar dos Timbiras, não pertencente à biblioteca desta casa, poderá lembrar-se de que, em 1914, quando eu fui nomeado diretor do Colégio, eu não tinha mais de dez anos de idade. E, no entanto, eu não esqueço a primeira impressão que tive ao ler o livro. Era uma sensação de que eu estava diante de um mundo novo, de um mundo que eu não conhecia.

Não reparo o organizador da edição, Guitarr, que o poeta continua muito mais a preparar a edição de Brockhaus, que todas as edições de Brockhaus. E, no entanto, eu não esqueço a primeira impressão que tive ao ler o livro. Era uma sensação de que eu estava diante de um mundo novo, de um mundo que eu não conhecia.

Poucos são os decassílabos de Gonçalves Dias com as habituais acentuações na sexta sílaba ou na quarta e quinta. Em "A morte prematura da filha, via de", ocorre um com acentuação na terceira: "Campesinato, que de terror me incuteu"; ritmo que vamos encontrar ainda em "Euladinas": "Os sucessos da minha vida errante". Em "A um poeta exilado" dois versos aparecem acentuados na quinta sílaba: "Denuncie-me o olhar, e os meus ensaios"; "A vagar com lra — um bem que os homens"; em "Minha vida e meus amores", dois com acentuação na quinta e na sétima sílabas: "Ela, tão bela e tão cheia de encanto. Ela, tão nova, tão pura e tão bela..."

Mais frequentes que essas casas de acentuação são as de quebra de medida pela introdução de versos de nove e onze sílabas entre os decassílabos. Quanto aos de nove sílabas, temos todos acentuados na terceira e sexta sílabas, como praticava sempre o poeta, mas na primeira e quinta, do que resulta um ritmo sensivelmente igual ao dos decassílabos acentuados na segunda e sexta sílabas. Os exemplos são numerosos:

Quanto todos, a terra a todo? (Poesia)  
Tudo que não é mais, tudo que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Neste caso é possível ter havido lapsos do poeta em "seu" antes de "cabelos".

Quanto, que não é mais, tudo que não é mais  
Tudo que não é mais, tudo que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Nos Timbiras recolhi os seguintes exemplos:

Morreu do mundo, não é mais, não é mais  
Morreu, não é mais, não é mais, não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

A explicação da irregularidade apresentada acima não cabe ao verso de "Ansias".

Que não é mais, que não é mais, que não é mais

Se se lhe fizerem todas as alterações, fica um octossílabo. Se não se lhe fizer nenhuma, dá um decassílabo, com acentuação na quarta e sétima sílabas. Finalmente, se adicionarmos apenas a conjunção "e" na vogal anterior, resultará um eneassílabo. Tenho que assim o faz o poeta, com intenção expressiva. Destrua-se no poema a essência de uma montanha por um manrebo, que leva nos braços a bem-amada, a qual lhe será dada por esposa pelo pai dela, se conseguir chegar ao cimo sem descer uma só vez. Em outro ponto, ajeitava o rapaz que vendia. Parece que nesse passo difícil a mora que dar-lhe um belo para reunirá-lo. E ele

— Um belo, um belo...  
Que não é mais, que não é mais, que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

É possível que tenha havido lapsos do poeta em "mais" antes de "empina", e o verso seria "Que não é mais, que não é mais, que não é mais", mas o poeta, que é da primeira edição dos Últimos Cantos, não foi incluindo na edição de Letras. Incluiu-me a notação que houve a intenção de expressar no eneassílabo de ritmo entrecortado o afogar do herói na água de escaleira.

Por efeito estilístico talvez se deva explicar também o verso "Coler, na manhã mais alta" (Timbiras, C. III, 137). Fala o poeta dos serritos que saem do solo quando os ventos apertados, segundo o teor dos aforas que haviam lido:

Vento, vento, vento, vento, vento, vento  
Vento, vento, vento, vento, vento, vento  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Como que o poeta, fazendo o enjambement, despropria o ritmo do decassílabo, guardando apenas a cadência do sétimo e o elemento hexassílabo "era mais alta", surgindo assim musicalmente o acorde dos versos sonha despropriação.

Examinamos agora estas três versões de "O que mais do mundo":

Que não é mais, que não é mais, que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Tem o ar de acento na primeira e na quinta, como os que já assinalamos atrás. Todavia caem aqui outras explicações. Sousa da Silva, comentando o verso de Camargo de Abreu "Vem! a noite é linda, o mar é calmo", admite o fato, não raro, de se escrever uma sílaba sem um monossílabo que deve repetir-se. O verso seria "Vem! vem! a noite é linda, o mar é calmo", e do mesmo modo entende se devem ler os versos de Gonçalves Dias. Mas também é possível que o poeta, pronunciando com forte ênfase o adverbio "nã", o desdobrasse em duas sílabas: "Nã-o; o que mais do mundo".

No verso "Não! não são as queixas amargadas" e neste outro de "Minha vida e meus amores": "Não, nunca o senti: somente o vício", ainda cabe uma terceira explicação — a do professor Said Ali no seu trabalho sobre "Versificação Portuguesa", publicado na Revista de Cultura, n.º 118: a de uma pausa intencional, preenchendo o lugar de uma sílaba e deslocando a colisão desagradável de duas sílabas acentuadas. A observação de Said Ali é feita a respeito de um hexasílabo do poema "Seus olhos": "As vezes, oh sim, derramam tão fúria". Não se pode imaginar, diz o eminente mestre, "maior apuro em compor versos tão formosos. É de propósito deliberado usaria o poeta a pausa em lugar de uma sílaba. Seguiu Shakespeare e Milton, que frequentemente se servem da pausa nas mesmas condições". A explicação de Said Ali é a única que se pode aplicar ao caso do verso com que abre o poema "O orgulhoso": "Eu o vi tremendo era no resto", que tem pausa intencional com valor de sílaba depois de "vi".

Tão numerosos quanto os versos de nove sílabas são os de onze, que aparecem em Gonçalves Dias interrompendo a sequência dos decassílabos. A maioria deles começam por vogal e entram na medida, embecendo-a na vogal que termina o verso anterior:

Que não é mais, que não é mais, que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Que não é mais, que não é mais, que não é mais

Que não é mais, que não é mais, que não é mais

"Adens, aos meus amigos do Maranhão". Note-se que a poeta poderia ter suprimido o segundo "que", mas enfraquecendo o efeito expressivo.

Que não é mais, que não é mais, que não é mais  
Por, que a terra, que a terra, que a terra  
Que não é mais, que não é mais (Poesia)

Por brevidade, só assinalamos o processo nos decassílabos, mas Gonçalves Dias e os seus companheiros românticos serviram-se dele com frequência, sobretudo na estrofe consagrada, de que trataremos adiante. Era aliás tradicional na poesia trovadoresca portuguesa e na castelhana. Assim, Rodrigo Eanes Rendo termina uma cantiga dizendo:

Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,

Nicolas Nunes em "Cancion a nuestra señora":

Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,

Pier Gaubert, em "Razonamiento":

Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,

Jorge Manrique, nas famosas coplas à morte do pai:

Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,  
Porque chorava? chorava,

Outros versos há em Gonçalves Dias, como este de "Quem da minha vida": "Infante e velho — prin-

cípio e fim da vida!", incluindo uma sequência de decassílabos, no este outro de "O clamo": "Porque de zelo e de minha alma", começando por enjambement, que não se requer a medida pelo mesmo artifício. Como se explica? Sousa da Silva faz, a propósito de um verso dessa natureza em Camargo de Abreu a seguinte hipótese: Gonçalves Dias, muito lido nas literaturas românticas, sem dúvida conhecia o verso heroico das canções de gesta. Ora, este se compunha de um verso de quatro sílabas (que podia ter no final mais uma, átona) e um de seis (que podia receber acréscimo idêntico). Quando o primeiro elemento do decassílabo medieval francês termina em vocábulo acentuado, o verso aproxima-se do nosso ou fica-lhe igual. Gonçalves Dias, querendo salientá-lo, o conceito, colocou-o num verso que se acentuasse e escolheu, para isso, um decassílabo de estrutura francesa medieval, que não coincidiria, porém, com nenhum dos tipos do decassílabo usual português: "Infante e velho! — princípio e fim da vida!". E conseguiu o seu intento, pois a diferença de tons, bem sensível ao nosso ouvido, chama logo a atenção para o verso. E observa a seguir Sousa da Silva que D'Annunzio, e Pascoli, indo além de Gonçalves Dias, transplantaram para o italiano o velho verso francês, mesmo em composições longas.

D'Annunzio, empregando tal metro e ritmo nos Cansoni di Garibaldi:

Infante e velho! — princípio e fim da vida!  
Porque de zelo e de minha alma,  
Porque de zelo e de minha alma,  
Porque de zelo e de minha alma,

Justifica-se com estas considerações: "O período é regido pela lei de um largo e robusto respirar. Talora o número é acentuado pelo impulso da onda vocal. O poeta há preferido ao consueto eneassílabo o verso heroico da antiga canção de gesta, formado, se há o tempo do verso verso latino cantado, pela pieve e dal leonardi romani". Segue-se a análise do verso heroico francês, mas o citado basta, e a hipótese de Sousa da Silva não parece legítima, em todos os versos de igual tipo do nosso poeta sente-se que o número é, por uma intenção expressiva, "acentuado pelo impulso da onda vocal". Assim se devem compreender os versos "Ouv depois um rodar que a vida instante" ("A Mendiga"), "Hirtos cabelos e em no fútero envolta" ("A morte é varia"). Não quero acrescentar exemplos da tradução da Noiva de Mexilina, por não termos a versão definitiva da obra. Todavia o verso "O potestades de céu este é meu filho" merece atenção: não escaparia ao poeta que sem a interjeição, fúria o verso dentro da medida e fúria habitual: "Potestades do céu, este é meu filho". Mas que outra forma não tem com ele! "O potestades do céu, este é meu filho". Aqui há verdadeiramente "impeto de onda vocal".

Desse tipo é o verso de Teófilo Braga "Cântico anseio, delírios, ais, blandícias", a propósito de qual escreveu o meu confrade João Luso em conferência, aliás encantadora, pronunciada nesta casa: "Para me furilar ao desprezo dos poetas presentes — dos que ainda fazem verdadeiros versos — devo declarar que me não passo despercebido, entre essas decassílabas, um que positivamente não é decassílabo nem coisa que, perante a arte, se possa qualificar. "Cântico anseio, delírios, ais, blandícias". Pela medida, ou, antes, pelo desmedimento; pela sonoridade, ou, melhor, pela dissonância, é um verso monstruoso. Mas será realmente um verso de Teófilo Braga? Quem nos diz que contra Teófilo se não voltou, naquela passagem e talvez em algumas outras, a incompetência dos homens ou a crueldade do acaso? Respondo eu: nem uma nem outra coisa. Teófilo Braga, levado no impulso da onda vocal e querendo exprimir mais vivamente o anseio dos sentimentos na alma do moço Anônimo, adotou na sequência dos decassílabos regulares o verso heroico das canções de gesta. Assim se pode e se deve qualificar perante a arte, o verso "Cântico anseio, delírios, ais, blandícias", e assim procedeu D'Annunzio que ainda fazia o que João Luso entende por verdadeiros versos, em relação aos de igual tipo, magníficos e não monstruosos, dos Cansoni di Garibaldi.

Não quero aqui assinalar o domínio magistral de Gonçalves Dias sobre os decassílabos brasileiros, como é de ver nos Timbiras e em 42 poemas dos Cantos "Delírio", "O vate", "A morte prematura...", "O mar", "Recordação", "Tristeza", "Prodígio", "A cruz", "Ao dr. João Duarte Lisboa Serra", "O outro", "A tarde", "O templo", "Te Deum", "Adens aos meus amigos do Maranhão", "Passamento", "A um poeta exilado", "Quando nas horas", "Palinódia", "As duas amiras", "A virgem", "Canto inaugural", "A noite", "A tempestade", dos Últimos Cantos, "O homem forte", "O protesto", "Desalento", "Dias iras", "Sempre eu", "O amor", "A sua voz", "Leito de folhas verdes", "Lra quebrada", "Urvo o tempo", "Sobre o túmulo de um menino", "As flores", "A história", "O assassinio", "Anelo", "O meu sepulcro", "Muro do Alcorim", "Saudades", "Se se morre de amor". Especialmente na introdução e em certas passagens descritivas dos Timbiras, em "A sua voz", "Leito de folhas verdes" e "Se se morre de amor" atingiu uma flexibilidade, um joco de cadências, uma harmonia de força e leveza, jamais ultrapassada em nossa língua, quer antes, por um Garrett na famosa invocação do poema Canções, quer depois, por um Fagundes Varela no sobrinho "Cântico do Calvário". Como o conceito de Banville, a saber que "la rime est l'unique harmonie des vers et elle est tout le vers", está desmentido luminosamente nestes versos harmoniosíssimos!





# PAGINA DOS AUTORES NOVOS -- VII -- Ligia Fagundes

**LIGIA FAGUNDES**

Ligia Fagundes nasceu em São Paulo, capital do velho Estado, e é filha do dr. Durval Fagundes e de D. Maria do Rosário Azevedo Fagundes.

Passou a infância no interior paulista, nas cidades em que seu pai servia como magistrado.

Em 1940 formou-se na Escola Superior de Educação Física de São Paulo, sendo que em 1939 se havia matriculado na Faculdade de Direito do mesmo Estado. Cursa hoje o 4º ano daquele Instituto Jurídico.

É funcionária da Publicidade Agrícola de São Paulo, e faz parte da Academia da Faculdade onde estuda.

Ligia Fagundes publicou o seu primeiro livro, era uma coleção de contos, intitulada "Porção e Sobrado", quando ainda cursava o 4º ano ginasial.

Agora agora de oferecer aos leitores uma nova coleção de contos — "Prata viva" — e é a esse livro que pertence o famoso trabalho que aqui publicamos.



Ligia Fagundes

## DELÍRIO

Margarida despertou com as mãos apertadas que cantavam lá fora.

Urtado reboava...

A irmã abraçava-se apressada a enfermeira e abriu as janelas para que as doentes ouvissem o luar.

Uma puçuzinha.

K. revolta-se à janela, deslizando o olhar pelo repetto como um feto as palavras que vinham instauradas com um longo arrastar de passos.

Cristo reina!

Margarida cerrou os olhos doloridos. Fuxou o cobertor ao redor. Que tarde fria! Deveria as vezes não resistir a aquele fogo. Quando ventava assim, lembrava-se bem! — era difícil conservar a chama acesa durante todo o trajeto. Se enrolando um papel em redor do pavio, se choveu, então...

Ao passar na chuva, sentiu mais violenta a sede. Passou a língua pelos lábios ressequidos. Podia pedir água, mas agora era inútil. Sim, a irmã era sofredora, dedicada, mas, quando se entregava a Deus, tudo o mais desaparecia. E, no momento, lá estava de novo ausente, o olhar fixo nas imagens que caminhavam na rua, a alma ligada a terra apenas pelo longo fio de contos pretos que desce até o chão. Quando os fios se fossem, ela deveria de trazer água, ajuntar-lhe as cobertas, pedir que tivesse fé.

Os médicos e as enfermeiras asseguravam que aquilo não era nada, efeito da operação.

— Tenha paciência, aconselhavam sempre. E tão moça ainda, vinte e quatro anos, não é? Pois então! Tudo há-de correr bem!

Mas a irmã que não sabia mentir, silenciava. Só quando era mesmo forçada a falar, diante de uma pergunta mais insistente, dizia que esse minuto era cheio de dores, que esperasse por uma vida melhor. E sorria com os olhos serenos onde transpareciam promessas de céu.

Voltando o rosto para a pare-

de, Margarida respirou profundamente para conter as náuseas. Um calor intenso inundava-a, como se novo sangue impetuosamente e rapidamente, tivesse substituído o outro que parecia não alcançar nunca as pes frias, os dedos descalçados. Sentia-se ali, uma vontade louca de atirar longe as cobertas, arrancar as aloduras, fugir daquela sala esverdeada, daquelas mulheres acovardadas que só sabiam olhar e gemer. Sumir dentro da noite, afundar a cabeça num pouco grão e beber, beber molhando o rosto, os braços, o ventre. Depois, vestir o vestido azul da Virgem, aprender a via e sair correndo para alcançar a procissão, cantando alto bem alto, mais alto do que todos...

Num gesto angustiado, cubriu com as mãos o rosto ardente. Estaria delirando? Tinha-lhe colorado uma boia de gelo sob a cabeça, mas de certo o gelo se derretera, virara água, água escaldante. Se pudesse dominar a aquela febre não sentir dores, sem sede... Por que aquela ideia de seguir a procissão que passava agora na rua? E verdade que, quando menina, saía uma tarde vestida de Nossa Senhora. Lindo vestido aquele! Estrelinhas de prata espalhadas no manto azul, uma coroa na cabeça, cabelos soltos pelos ombros, sandálias pretas nos pés.

Sentiu-se melhor ao lembrar isso. Em todos os momentos de aflição, desespero, as lembranças da meninice eram sempre repousantes como azuladas banheiras de água morna onde o seu espírito dolorido e exausto mergulhava, numa serena imobilidade, até o sono vir. Fora numa sexta-feira. Bem na frente da procissão, entre anjos, ela saía seguindo de perto um menino de cachos pretos, manto roxo, uma pequenina cruz nos ombros. Disseram ao menino: "Você tem que andar arado e não olhe nem para os lados nem para trás". E disseram a ela: "Você vai acompanhando. Não decore as mãos e não ria. Faça cara triste igual à da santa de verdade que vem vindo no

andor. Ela está triste porque o filho foi preso e vai morrer. Você precisa ficar triste também".

Fez tudo, tão direitinho, que na igreja o melhor parente de balaço foi o seu. O pai chegara mesmo a dizer:

— Uma hora saíste ela tão patética com a Virgem! Não sabiam que é o filho da Virgem? Vai, ter um destino lindo!

E assim mesmo! Destino lindo, coisa boa, queria dizer: passar de ano no Grupo, representar no Festa das Aves, ser eleita no concurso da "mais bela menina" quando houvesse quermesse no Largo. Ficou contente com o pai. Não gostou de ser afilhada da santa.

— Ah! Elvira foi afilhada de São Lucas e num ganhou nada. A gente num ganhou nada!

O padre que estava perto fez um gesto de ameaça:

— Quarta, Margarida! Não sabe o que está dizendo! As mães e as irmãs protegem as afilhadas. Diga mais isso e a santa há-de castigá-la.

Alémorizada, procurou a imagem para pedir perdão. Mas a Virgem tinha os olhos tão enredados de lágrimas que era impossível mesmo distingui-la. Amanhã, consolou-se, amanhã falarei com ela.

No dia seguinte, levaram a imagem para a paróquia. Só muitos anos depois, juntamente com o Senhor dos Passos, voltou ao antigo altar. Mas Margarida já se tinha mudado para a cidade. E nunca mais pôde vê-la.

O pai dissera numa carta: — "Sua mudinha está aqui na igreja. Um dia desses venha passar com os seus e aproveite para pedir a bênção dela". Não atendeu ao convite. Durante a semana, trabalhava na fábrica e Domingo... Domingo Pedro ia buscá-la. Pedro tinha olhos secos e fundos, iluminados por um brilho de insatisfação e procura. Era alto e magro, a cabeça sempre erguida oferecendo ao vento e ao sol cabelos desalinhados e rudes. Falava muito sério, a gestualidade, desordenadamente, as grandes mãos mortas. Alegre poucas vezes, quase sempre triste.

Bem que ela preferia dançar

no clube, divertir-se nesse domingo com os rapazes risonhos e bem penteados. Mas Pedro ia mesmo-lhe e não tinha coragem de recusar. Todos diziam que ele era inteligente, que ainda havia de fazer muitas coisas, coisas que não entendiam perfeitamente, mas bem decerto, porque Pedro olhava bem dentro dos olhos e, quando entendia a mão para cumprimentar, apertava com tanta firmeza e com tanto calor, que parecia no cumprimento oferecer, espontâneo e simplesmente, o coração.

Ele era diferente de todos os outros moços e por isso, só por isso gostava de ser vista na sua companhia. Respeitavam-no, faziam silêncio quando falava. Sentia que devia ouvir, embora mal entendesse o que ele queria, embora não o amasse.

Margarida, às vezes ficou pensando... E chegou a ter vontade de abandonar tudo isso, viver despreocupado, cuidando só dos seus problemas, trabalhando só pelo seu pão. Muito mais fácil, mais cômodo. Se mal posso comigo, terei ainda que olhar pelos outros? Mas... e as mãos ossudas descaíam num gesto largo — não está em mim! Não me pertencem, Margarida.

Vejo os nossos amigos acitarem todas as necessidades e injustiças com essa desumana impossibilidade de quem já se cansou de esperar por coisas melhores, porque coisas melhores não podem vir para os que nada mais possuem além da pobreza. Vejo crianças, como os filhos de Leandro, crescendo sem infância, feixes de ossos e de olhos. Vejo...

Ela nem escutava. Manhã linda, tardes cor-de-rosa. E Pedro a falar, falar como se passasse a noite em claro para depois reproduzir, só a ela, toda uma emburalhada de anseios, promessas. Interrompia-o muitas vezes.

— Pedro, a gente podia ir dançar um pouco. Quería que me vissem com esse vestido.

Ele acariciava-lhe os cabelos com as grandes e desajeitadas mãos.

— Margarida, você é como uma árvore forte e bela, mas tão na superfície! E preciso afundar as raízes, firmar-se na terra! E aí poderão vir os ventos e as chuvas...

Já está desviando o assunto, Pedro! Falei em dançar, não foi?

Ele sorria.

— Sim, eu sei, mas não prefere ficar distante de toda aquela gente, daquele barulho? Quando chegam outras pessoas, você se distribui, se afasta. Eles ficam entre nós dois e de repente eu me vejo sozinho. Não prefere ficar aqui comigo? Ensinarei coisas para você. Quer? Já me perguntou sobre as estrelas. Veja que beleza de céu, Margarida! Já estão todas elas. Sei o nome de uma porção: está vendo aquela vermelhinha, lá longe?

Um dia, amigos de Pedro procuraram-na:

— Foi preso! Parece que tirou num dos homens. Estão querendo nos agarrar também. Quando tudo serenar, iremos ajudá-lo. Tenha confiança.

A primeira sensação que Margarida teve foi de alívio mistu-

rado com alvoroçada alegria. Pedro tinha sido preso, lutara, dera a vida. De certo era o chefe de todos aqueles homens misteriosos e perseguidos. E era a nova de Pedro!

Com cores vivas, descreveu como foi levado: "...al então reagiu, descarregou o revólver e o inspetor tombou ferido. Antes de entrar no carro, sabendo que em redor tinha companhia, gritou que me avisassem".

Ficou sendo o alvo de todos os olhares, de todos os assuntos. "Aquele é a namorada de Pedro. Foi preso por nossa causa. Dizem que a fazer uma revolução".

Cumprimentavam-na respeitosamente, nunca se viu tão rodeada de pessoas que vinham trazer palavras amáveis de simpatia e consolo. Vestiu roupas escuras, mal sorria dentro da sua severa responsabilidade de nova do rebelde.

Passaram-se semanas. Notícias de Pedro não chegavam. E nos poucos ela foi se cansando da situação. Quería ir em outras moças, dizer coisas alegres, divertir-se nas festas...

Que lhe importava agora aquele prestígio vindo exclusivamente dele? Ao lado de Pedro, sonhava sempre com a liberdade que tivera antes de conhecê-lo: liberdade de ir para onde entendesse, de não se preocupar com aqueles problemas difíceis e exaustivos que ele punha diante de si. Agora estava só, K. no entanto, tudo piorava... Os moços se mantinham à distância, incapazes de tentar admiradores de Pedro como eram — um galanteio, uma conquista. "E a noiva de Pedro?" E com essa observação, o menos avisado se afastava.

Revolução. Se ao menos pudesse confessar que nunca quisera realmente, que nem sentia saudades... Se pudesse dizer que... que o encontrara na rua, que não estava mais preso... Sim, seria isso mesmo. Afinal, uma solução!

— Pedro está solto. Não pode voltar aqui tão cedo, por causa da polícia. Ainda estão falando. Mora noutro bairro, arranjando um emprego, está muito bem.

Surpreenderam-se. Houve alegria: porém, no meio da alegria, uma pontinha de decepção. Era bom que estivesse livre, mas havia dúvida, mas com ele se libertaram também todas aquelas timidas esperanças que transmitira ao coração de cada um. O herói estava a struido.

Com isso, Margarida deixou de ser a moça inalcançável como um tempo tabu que mais deve de se deixar. Pedro recebera o perdão, vivia de certo uma vida igual de todos os outros. Estava tudo acabado.

E, depois de tanto tempo de realce e esperas, voltou às festas, às partidas esportivas que sempre terminavam em reuniões onde corria bebida e histórias alegres. Conheceu de perto todos aqueles moços: n'rahi alguns cp, promessas vagas, rindo-se no momento mais sério, numa atitude dispersiva e calculadamente indefinida. Como era bom não ser de ninguém e possuir uma porção!

Foi aí que começou. A princípio de forma imperceptível,

É verdade que também praticava ritos violentos. De ordinário, porém, mostrava o gosto do hato. O hato é, na técnica do verso, o hábito fonético que mais extrema os poemas românticos dos nossos românticos. Estes só o admitiam no interior das palavras, jamais de uma a outra em caso de vogais fracas, mesmo quando o ponto ou a vírgula introduziam uma pausa natural. Por isso Alberto de Oliveira analisou como "errados ou pelo menos fracos" no seu "Exemplar dos Timbrados versos deste tipo:

"Foi vinda, a mão ao ar e o solto Timbrado De batido! ou não se não comou"

Nesse ponto a sistematização parnasiana brasileira foi empobrecedora. E sem razão, porque hato há

de extraordinária força expressiva. Baste lembrar o de Antero (Antero e Camões estão cheios deles) no soneto "Consulta":

Mas eles pertenciam-se — mudados E empalideceram, contristados

Quem não sentirá o movimento de angustiado sobressano no hato "E empalideceram"?

Ao contrário dos parnasianos brasileiros, os seus mestres franceses lamentavam a esse respeito as restrições maledicas. "Que nous avons perdu un trésor de nuances délicates à la suppression de l'hato", escrevia Banville, "cela n'est pas à démontrer: il suffit pour s'en convaincre d'ouvrir les poèmes du XVe et du XVIe siècle". E Anatole France, a propósito de

Moréas: "Il est pitoyable, quand on y songe, que les poètes français se soient interdits pendant dix cents ans de mettre dans leurs vers la ou tu tu es. Qui ne sent au contraire que certains hatois valent à l'ou-ville?"

O estudo da poesia de Gonçalves Dias prova que a regulamentação da poesia, se é coisa útil para ajudar os poetas medíocres a fazerem versos passáveis (a sentença é ainda de Banville), nada vale para quem, como o nosso grande romântico, não precisa de regras de ninguém para criar o seu ritmo e a sua música.

NOTA — Este trabalho vai hoje reproduzido por ter saído com várias incorreções, no "Suplemento" passado.

